



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE  
JUNTO A POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS

Aneli Soares da Silva

**SABERES E FAZERES TRADICIONAIS ASSOCIADOS AO  
BURITI NO CERRADO KALUNGA DE RIBEIRÃO DOS BOIS,  
TERESINA – GO**

Ribeirão dos Bois/GO e Brasília/DF 2024

**Aneli Soares da Silva**

**SABERES E FAZERES TRADICIONAIS ASSOCIADOS AO  
BURITI NO CERRADO KALUNGA DE RIBEIRÃO DOS BOIS,  
TERESINA – GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais sob a orientação da Prof.a Dr.a Juliana Rochet Wirth Chaibub Paulino.

Ribeirão dos Bois/GO e Brasília/DF 2024

DA SILVA, Aneli Soares. **SABERES E FAZERES TRADICIONAIS ASSOCIADOS AO BURITI NO CERRADO KALUNGA DE RIBEIRÃO DOS BOIS, TERESINA – GO.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.a Dra. Juliana Rochet Wirth Chaibub Paulino  
Presidente da Banca (FUP/UnB)

---

Prof.a Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva Membro  
Interno (FUP/UnB)

---

Prof.a Dra. Elizana Monteiro dos Santos Membro  
Externo (UFMA)

---

Prof.a Dra. Anelise Rizzolo de Oliveira Suplente  
(NUT/FS/UnB)

Dedico esse projeto, primeiramente a minha família por todos os incentivos durante essa trajetória; A comunidade Ribeirão dos Bois, por acreditar na minha capacidade, aos professores e colegas pela parceria e aprendizagem e principalmente, a minha orientadora, Juliana Rochet, por toda paciência, dedicação e compreensão.

## **Agradecimentos**

À Deus por tudo que adquiri ao longo desse tempo, tornando este sonho possível.

Aos meus queridos pais, que permaneceram ao meu lado e acreditaram que eu iria conseguir.

Aos meus filhos por todo carinho e força depositados em mim.

Ao meu esposo, que permanece ao meu lado nas horas difíceis, apoiando-me e não me deixando desistir dos meus objetivos.

Agradeço aos meus professores do MESPT, em especial às ex- coordenadoras do curso, professoras Stephanie Nasuti e Cristiane de Assis Portela, à minha estimada orientadora, professora Juliana Rochet e à banca examinadora, por partilhar momentos de sabedoria.

Agradeço profundamente a minha querida comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, em especial as pessoas entrevistadas.

Por fim, agradeço aos colegas da turma por cada partilha e a troca de saberes até aqui.

Quando o buriti balança no cerrado ao  
vento, sigilo dele espalha...  
são avisas a ele segredado  
Quem disse que o cerrado não fala?  
(Spagnol, 2024)

## RESUMO

O presente trabalho pretende descrever os saberes e fazeres tradicionais associados à palmeira Buriti no Cerrado da comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois, localizada em Teresina (GO), a partir da perspectiva dos seus moradores. O estudo tem como objetivo principal compreender como os moradores da comunidade percebem o Buriti e especificam seus usos e conhecimentos associados através da experiência e da memória, valendo-se de entrevistas e conversas informais com interlocutores locais. Ao abordar a cosmologia e a importância da Palmeira para a comunidade a partir de suas práticas cotidianas, busca-se identificar seu uso, bem como valorizar as práticas cotidianas com o Buriti sob a perspectiva do lugar. Assim, espera-se que esse trabalho possa contribuir com o registro desse importante saber-fazer tradicional. Como resultado, podemos afirmar que o Buriti é parte da cultura tradicional Kalunga e forte elemento de identidade. Possui um conjunto de conhecimentos e práticas a ele associado nos campos da alimentação, práticas de cuidado, cura e artesanato, os quais são enraizados no cotidiano e na história dos moradores de Ribeirão dos Bois, constituindo-se numa referência cultural.

**Palavras-chaves:** Saberes-fazeres; Quilombolas; Kalunga; Buriti; Identidade; Referências Culturais.

## ABSTRACT

This work aims to describe the traditional knowledge and practices associated with the Buriti palm tree in the Cerrado of the Kalunga Ribeirão dos Bois quilombola community, located in Teresina (GO), from the perspective of its residents. The main objective of the study is to understand how community residents perceive Buriti and specify its uses and associated knowledge through experience and memory, using interviews and informal conversations with local interlocutors. By approaching the cosmology and importance of the Palm Tree for the community based on its daily practices, we seek to identify everyday practices with Buriti from the perspective of the place. Therefore, it is hoped that this work can contribute to the recording of this important traditional know-how. As a result, we can affirm that Buriti is part of traditional Kalunga culture and an element of identity. It has a set of knowledge and practices associated with it in the fields of food, care practices, healing and crafts, which are rooted in the daily life and history of the residents of Ribeirão dos Bois, constituting a cultural reference.

**Keywords:** Traditional Knowledge; Practices; Quilombolas; Kalunga; Buriti; Identity; Cultural References.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Caminho do Brejo para a colheita do Buriti, Fazenda do Brejo  
Comunidade Ribeirão dos Bois.
- Figura 2** - Oficina sobre os saberes-fazeres com a tala do Buriti na Comunidade Ribeirão  
dos Bois, Casa da Dete
- Figura 3** - Buritizal
- Figura 4** - Colheita da folha do Buriti para fabricação da vassoura de palha,  
Comunidade Ribeirão dos Bois
- Figura 5** - Confecção de tapetes com a tala do Buriti
- Figura 6** - Fruto do Buriti descascado
- Figura 7** - Buriti aguardando ser raspado para fazer as receitas
- Figura 8** - O Buriti raspado
- Figura 9** – Polpa do Buriti
- Figura 10** - Buriti aguardando ser raspado para fazer o doce da fruta
- Figura 11** - Entrevista com a Dona Delfina Farias, na comunidade Ribeirão dos Bois
- Figura 12** - Óleo de Buriti para uso medicina
- Figura 13** - Confeccionando tapetes da tala do Buriti
- Figura 14** - Caminho de mesa com tala de Buriti
- Figura 15** - Entrevista com Coaraci Farias- Comunidade Ribeirão do Bois
- Figura 16** – Seu João com o Buriti
- Figura 17** – O Buriti
- Figuras 18, 19 e 20** - Roda de conversa sobre o Buriti com os estudantes do Colégio  
Fagundes (GO)
- Figura 21** - Produtoras rurais locais de óleo medicinal de Buriti
- Figura 22** - Tapetes feitos com Buriti
- Figuras 23** - Tecelagem feita com Buriti
- Figuras 24, 25 e 26** – O trabalho comunitário envolvendo o Buriti
- Figura 27** – Buriti na comunidade Ribeirão dos Bois

## LISTA DE MAPAS

**Mapa 1** - Localização do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga

**Mapa 2** - O território Kalunga na Chapa dos Veadeiros

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1** – Conhecimento sobre o Buriti pelos entrevistados em Ribeirão dos Bois (GO)

**Gráfico 2** – Formas de consumo do Buriti pelos entrevistados em Ribeirão dos Bois (GO)

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. MEMÓRIAS AO VENTO: A IMPORTÂNCIA DO BURITI NA VIDA DA ANELI E OUTROS SOPROS</b> .....	<b>20</b>
1.1. OUTROS SOPROS.....	23
1.2. UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO POVO KALUNGA E DA COMUNIDADE RIBEIRÃO DOS BOIS .....	28
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	<b>33</b>
<b>3. SABERES-FAZERES ASSOCIADOS AO BURITI NA COMUNIDADE QUILOMBOLA-KALUNGA RIBEIRÃO DOS BOIS: COSMOLOGIA, CONHECIMENTOS, USOS E PRÁTICAS</b> .....	<b>36</b>
3.1. O BURITI NA PAISAGEM DO CERRADO: CARACTERIZAÇÃO .....	37
3.2. USOS ALIMENTARES.....	40
3.2.1 <i>Extração e Processamento do Fruto</i> .....	42
3.2.2 <i>Preparação de Alimentos</i> .....	42
3.3. USOS MEDICINAIS .....	46
3.4. USOS ARTESANAIS .....	49
3.5. A COSMOLOGIA DO MESTRE BURITI.....	55
3.6. A COLHEITA DO BURITI NA COMUNIDADE RIBEIRÃO DOS BOIS: PRÁTICA COMUNITÁRIA.....	57
<b>4. O EXTRATIVISMO TRADICIONAL DO BURITI EM RIBEIRÃO DOS BOIS (GO): SUSTENTABILIDADE E RESPEITO À BIODIVERSIDADE DO CERRADO</b> .....	<b>62</b>
4.1. EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL DO BURITI NO CERRADO BRASILEIRO .....	63
4.2. MANEJO TRADICIONAL DO BURITI NA CHAPADA DOS VEADEIROS: POTENCIALIDADES E AMEAÇAS .....	65
4.2. CONHECIMENTOS QUE VOAM, PRÁTICAS QUE TOCAM: SABERES-FAZERES RELACIONADOS À PALMEIRA EM RIBEIRÃO DOS BOIS (GO).....	70
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>84</b>

**ORAÇÃO AO MESTRE BURITI**  
**(Oração popular)**

Senhor dos campos férteis e alagados, Senhor  
que concede alimento e força vital Para  
pessoas e bichos.

Te peço que traga suas abundantes bênçãos para minha vida,  
Fertilizando meus negócios e garantindo fartura para mim e para aqueles que amo.

**Figura 1 - Caminho do Brejo para a colheita do Buriti, Fazenda do Brejo Comunidade  
Ribeirão dos Bois.**



Fonte: Aneli Soares da silva-10/07/2024

## INTRODUÇÃO

A cosmologia dos Kalunga, localizada no Cerrado brasileiro, envolve uma relação de conexão e espiritualidade com a natureza, destacando-se nessa relação a Palmeira Buriti (*Mauritia flexuosa*). Essa palmeira é central não apenas na ecologia local, mas também na vida cultural e econômica das comunidades ali localizadas. O Buriti é considerado uma fonte de vida e resistência, símbolo de abundância, proteção. Segundo relatos etnográficos, as práticas e crenças em torno do Buriti refletem uma visão de mundo integradora, onde os seres humanos, as plantas e os espíritos compartilham uma relação interdependente (RIBEIRO, 2019).

No contexto Kalunga, o Buriti é visto como uma árvore de resistência, capaz de sobreviver em áreas alagadas e de desempenhar um papel importante no equilíbrio ambiental. A cosmologia quilombola associa essa característica à resiliência da própria comunidade, que enfrentou séculos de opressão e luta pela preservação de seus territórios. Para Silva a palmeira também é reverenciada por sua ligação com a água e acredita-se que suas raízes sejam guardiãs das nascentes, protegendo os recursos hídricos do território (SILVA, 2020).

O Buriti é utilizado de forma sustentável na vida cotidiana dos Kalunga, proporcionando alimento, matéria-prima e remédios naturais. Seu fruto, rico em vitamina A, é consumido tanto *in natura* quanto na forma de doces e sucos. O óleo extraído de sua polpa é empregado em práticas medicinais e cosméticas tradicionais, enquanto as fibras são usadas na confecção de artesanatos e utensílios (OLIVEIRA, 2021).

Os saberes relacionados ao Buriti são transmitidos de geração em geração, constituindo um patrimônio imaterial é um conceito que se refere a bens culturais intangíveis, ou seja, que não podem ser tocados, mas que fazem parte da história e cultura de um povo ou região que reforça a identidade cultural Kalunga. As narrativas orais, as práticas agrícolas e os rituais em torno dessa palmeira evidenciam o papel central que ela desempenha na preservação da memória e das tradições comunitárias. Nesse contexto Nogueira afirma que a transmissão desses conhecimentos é uma forma de resistência cultural frente às

pressões externas e à crescente perda de biodiversidade no Cerrado (NOGUEIRA, 2020).

**Nesse contexto, esta pesquisa buscou descrever e analisar os saberes-fazeres tradicionais associados ao Buriti no Cerrado na comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois, localizada em Teresina (GO), a partir da perspectiva dos seus moradores.**

O conceito de "saberes-fazeres", O conceito de "saberes-fazeres" refere-se à interconexão entre o conhecimento teórico e a prática. Ele se baseia na ideia de que o aprendizado não se limita apenas à aquisição de informações, mas também envolve a aplicação desse conhecimento em situações reais. Os "saberes" são os conhecimentos adquiridos, que podem ser teóricos ou empíricos. Já os "fazeres" dizem respeito às habilidades práticas que permitem a aplicação desses saberes no cotidiano ou em contextos específicos. Esse conceito é muito utilizado em áreas como educação, formação profissional e desenvolvimento de competências, pois destaca a importância de integrar teoria e prática para uma aprendizagem mais completa e significativa. Em resumo, "saberes-fazeres" enfatiza que o verdadeiro aprendizado se dá quando somos capazes de aplicar o que sabemos na prática, refletindo sobre essa experiência e aprimorando nossas habilidades continuamente.

Conforme definição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2018), refere-se ao reconhecimento e registro de práticas e conhecimentos imateriais que fazem parte da cultura, memória e identidade de grupos sociais. Esses saberes envolvem atividades cotidianas que estão associadas a técnicas, ofícios e matérias-primas que têm valor cultural. São entendidos como saberes tradicionais, transmitidos ao longo das gerações, e que estão frequentemente ligados à produção de objetos ou à prestação de serviços com significados práticos ou rituais. No Brasil, esses saberes e fazeres são registrados em livros como o *Livro dos Saberes*, que tem o objetivo de preservar e dar visibilidade às práticas culturais que são fundamentais para a identidade de comunidades

O registro da comunidade as referências culturais de forma colaborativa, envolvendo lideranças locais e as próprias comunidades é fundamental e

envolvem a documentação, a pesquisa e a valorização das tradições. Elas são protagonistas na identificação e na preservação de suas tradições, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e promovem ações educativas para sensibilizar a população sobre a importância do patrimônio imaterial. Isso inclui atividades em escolas, oficinas e eventos que incentivam o reconhecimento e a prática das tradições culturais. Os múltiplos saberes-fazerem celebram a diversidade cultural do Brasil, reconhecendo que cada região tem suas próprias expressões e tradições.

O segundo o IPHAN o Cerrado é uma formação do tipo savana tropical, com extensão original de cerca de 2 milhões de km<sup>2</sup>, correspondente a 22% do Brasil ou quase a quarta parte do seu território, se considerada apenas a sua área nuclear, localizada na região central do país. As populações que viveram e ainda vivem neste bioma são diversas e desenvolveram, historicamente, estratégias de manejo da biodiversidade. Atualmente, o bioma do Cerrado é o mais ameaçado pelas frentes do agronegócio de larga escala no país - com destaque para os monocultivos de soja e cana-de-açúcar. Tais frentes promovem mudanças profundas nas paisagens locais que compõem a vasta área nuclear de Cerrado, afetando também populações tradicionais, entre indígenas, quilombolas e camponeses.

A partir do agravamento das condições socioeconômicas das populações locais provocado pelo processo de desenvolvimento excludente, é cada vez mais recorrente e forte a vocalização de comunidades, organizações, instituições, pesquisadores e ativistas quanto à insustentabilidade dos processos econômicos, sociais, culturais e ambientais em curso neste bioma, bem como a necessidade de propostas e alternativas societárias de gestão ambiental e da produção que possam conter novos elementos de sustentabilidade.

Ribeirão dos Bois é uma das comunidades quilombolas Kalunga existentes entre os municípios de Monte Alegre, Teresina de Goiás e Cavalcante. A comunidade faz parte da bacia hidrográfica do Rio Tocantins (TO) e tem a presença do Rio Paranã. O clima nesse território está inserido em uma zona de transição entre os domínios dos climas semiáridos. A vegetação predominante é o Cerrado, intercalado de matas residuais com ocorrência de cerradão, com

exuberante fauna e flora (Almeida, 2012). Na comunidade, os saberes e fazeres tradicionais associados ao cerrado são de suma importância na vida cotidiana, pois é por meio deles que esses sujeitos constituem a sua economia, reproduzem e ressignificam a sua cultura. Tais saberes-fazeres, constituídos pelos quilombolas para realizar as suas atividades no dia a dia, foram em parte aprendidos com os indígenas (Silva, 2013). Na ocupação do território, pessoas escravizadas e indígenas estabeleceram contato e trocas culturais. Para Silva (2013), eles aprenderam a preservar e respeitar a natureza, para que esses recursos pudessem ser utilizados pelas próximas gerações.

De fato, o povo da comunidade depende do conhecimento da natureza para sua sobrevivência e, por isso, passou a agir em espaços sociais cuja utilidade da biodiversidade do Cerrado representa uma maneira sustentável de contribuir para sua sobrevivência.

Dentre os saberes tradicionais associados ao Cerrado em Ribeirão dos Bois, podemos destacar aqueles relacionados ao Buriti, *Mauritia Flexuosa*, uma palmeira que alcança até 40 m de altura e possui o caule com 13 a 55 cm de diâmetro.

O Buriti é uma palmeira nativa das Américas do Sul e Central. No Brasil, predomina nos estados de Rondônia, Pará, Maranhão e Piauí, sendo encontrada também nos estados do centro-oeste no Ribeirão dos Bois e sudeste. É também conhecida como coqueiro-buriti, buritizeiro, palmeira-dos-brejos e Carandaí Guaçu. Considerada uma das espécies mais marcantes do Cerrado, presente nas áreas de veredas, a espécie é muito importante para os mercados formal e informal, sendo utilizada na produção de alimentos, artesanato, cosméticos e combustíveis.

No Brasil, o buritizeiro é explorado no âmbito do extrativismo devido sua ocorrência endêmica em áreas alagadas (veredas), que são protegidas por lei ambiental específica. O Buriti fornece uma ampla gama de produtos, dentre os quais podem-se destacar as folhas, usadas na cobertura de casas e como fibras para artesanato, os frutos, nos quais a polpa é empregada no preparo de vários alimentos, além de ser fonte de óleo comestível. Mais recentemente, o óleo da polpa do buriti tem sido largamente utilizado na produção de cosméticos.

Contudo, de acordo com Silva (2013), umas das causas podem ser a saída das pessoas da comunidade e a introdução dos produtos industrializados nas comunidades quilombolas.

A desvalorização do Cerrado em Teresina de Goiás, em especial na região de Ribeirão dos Bois, assim como em muitas outras regiões do Brasil, é preocupante que reflete a intensificação de atividades econômicas do agronegócio e da mineração, além da pressão sobre o meio ambiente. A expansão da agricultura, especialmente a produção de grãos como soja e milho, tem levado à conversão de vastas áreas de Cerrado em lavouras. Essa transformação resulta na remoção da vegetação nativa, comprometendo a diversidade biológica e os serviços ecossistêmicos que o bioma oferece. Além disso, a criação de gado tem contribuído para a degradação do solo e para a compactação da terra.

A urbanização crescente também tem exercido pressão sobre o Cerrado local. A construção de infraestrutura urbana, como estradas, habitações e indústrias, fragmenta o habitat natural e reduz as áreas disponíveis para a fauna e flora nativas. Esse processo pode levar à extinção de espécies e à perda de biodiversidade. O desmatamento para abrir espaço para novas atividades econômicas é uma preocupação constante. Muitas vezes, essas práticas ocorrem sem o devido planejamento ou respeito às legislações ambientais, resultando em danos irreparáveis ao ecossistema do Cerrado.

Para Silva (2013), os povos de comunidades tradicionais existentes no território brasileiro vêm sofrendo ameaças na vida pessoal, social e cultural, pois existe um processo de invisibilização e afronta aos seus direitos mais básicos. Isso se reflete, por falta de políticas públicas efetivas para as comunidades quilombolas.

Partindo dessa realidade, nasceu a presente proposta de pesquisa a partir de minhas inquietações enquanto mulher quilombola Kalunga, moradora e docente na comunidade Ribeirão dos Bois (GO). O estudo tem como ponto de partida o reconhecimento do caráter singular dos saberes-fazeres associados à Palmeira Buriti na comunidade, que inclui variações que dependem das dinâmicas internas e de suas formas de adaptabilidade.

O objetivo principal é investigar como os moradores da comunidade quilombola de Ribeirão dos Bois percebem o Buriti e especificam seus usos e conhecimentos associados através da experiência e da memória por meio de entrevistas e conversas informais com os moradores locais. Abordar a simbologia e a importância da palmeira para a comunidade a partir de suas práticas cotidianas, identificando, ainda, aspectos de seu uso. A intenção é valorizar a experiência vivida através das práticas cotidianas com o Buriti sob a perspectiva do lugar.

A cosmologia Kalunga em torno da palmeira buriti é uma demonstração do entrelaçamento profundo entre cultura e espiritualidade. Essa relação evidencia a sabedoria ancestral dos quilombolas na gestão dos recursos naturais e na construção de um modo de vida sustentável. Preservar o buriti e os saberes associados a ele é essencial para proteger não apenas o Cerrado, mas também o patrimônio cultural imaterial dessa comunidade, que oferece lições valiosas para a humanidade em tempos de crise ambiental (SANTOS, 2021).

O estudo afirma um compromisso com o reconhecimento e afirmação dos povos tradicionais do Cerrado, populações que ainda carregam um modo de vida próprio, em que a racionalidade produtiva não está totalmente dissociada da natureza.

Esta dissertação está dividida quatro capítulos além desta introdução e da conclusão, os quais tratam, respectivamente, de minhas memórias, do percurso metodológico da pesquisa, dos saberes-fazeres associados ao Buriti na comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois (GO) e do extrativismo em bases sustentáveis do Buriti no Cerrado e na própria comunidade.

No decorrer das páginas, busquei manter ao máximo o fluxo da narrativa tradicional oral que caracteriza minha vida como mulher quilombola Kalunga. O trabalho foi desenvolvido com um grande respeito às narrativas orais da minha comunidade, que intercala ideias, sentimentos, memórias, imagens, crenças e descrições com exemplos concretos e histórias familiares.

## **1. MEMÓRIAS AO VENTO: A IMPORTÂNCIA DO BURITI NA VIDA DA ANELI E OUTROS SOPROS**

Meu nome é Aneli Soares da Silva, tenho 34 anos. Moro na cidade de Teresina de Goiás, na Comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, há mais de 30 anos e tenho três irmãs. A cidade onde moro está inserida no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Minha infância foi marcada por muitas brincadeiras populares, como: pula corda, bandeirinha, pique esconde dentre outras. Meu pai trabalhava com muita roça de toco, e nós, os seus filhos, desde muito jovens ajudávamos com a lida das plantações. Tínhamos o nosso próprio sistema de contribuição na roça: os filhos mais velhos ficavam com o serviço mais pesado e os mais novos com os serviços mais leves.

Considero que o meu primeiro contato com a leitura do mundo foi por meio do antigo rádio de meu pai, que todas as tardes e noites era ligado para ouvirmos as notícias. Isso despertava em mim uma imensa curiosidade de querer ouvir cada dia mais, de conhecer mais.

Minhas irmãs sempre moraram na roça com o meus pais, duas delas são portadoras de necessidades especiais (PNE). Mesmo com tantas dificuldades e correria do cotidiano, minha mãe me ensinou a ler. Não demorou muito, logo aprendi a decodificar e, por conseguinte, ler. Claro que não era uma leitura fluente, mas era uma leitura que me permitia ler placas e pequenas frases.

A minha infância foi marcada por muitos momentos que até hoje estão presentes em minha vida em forma de lembranças. Meu pai trabalhava com roça de toco, um tradicional sistema de cultivo praticado na Comunidade. A roça era muito distante da casa da nossa família. Como minhas irmãs tinham problemas de saúde, eu sempre o ajudava com a lida das plantações.

Cada um de nós tinha seu próprio sistema de contribuição na roça, como por exemplo: meu pai fazia o serviço mais pesado e eu os serviços mais leves. Ao trabalharmos no roçado, por vezes meu pai e eu levávamos comida pronta; por vezes não. Foi então que começamos a nos alimentar de alguns frutos do

Cerrado como ato de sobrevivência, dentre esses frutos podemos destacar o Buriti do Cerrado.

**Figura 2 - Oficina sobre os saberes-fazeres com a tala do Buriti na Comunidade Ribeirão dos Bois, Casa da Dete**



Fonte: Aneli Soares da Silva-Buritizal - 18/11/2024

**Figura 3 – Buritizal Buriti na Comunidade Ribeirão dos Bois**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 19/09/2024

**Figura 4 - Colheita da folha do Buriti para fabricação da vassoura de palha, Comunidade Ribeirão dos Bois**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 19/09/2024

Dete, moradora de Ribeirão dos Bois, (à direita na fotografia acima) disse em entrevista para esta pesquisa: *“a importância do buriti é muito boa, a gente faz a polpa, faz artesanato, eu faço tenho a minha renda com que eu faço, morar na roça e não tenho salário.”*

Falando sobre os hábitos alimentares, eu consumia muito o buriti raspado, para comer com farinha de mandioca. Eu e minha família íamos até o Cerrado fazer a colheita do fruto. Depois de colhido, esse fruto passava por um processo até se tornar uma massa. O segundo passo era colocá-lo em um balde com água para ficar com a casca mole. Depois da casca mole, raspávamos a massa do buriti e deixávamos secar por uns quatro dias, para assim poder consumir. No terceiro momento, essa massa era misturada junto com a farinha da mandioca.

Esse alimento é muito importante para o bom funcionamento do corpo, pois é uma excelente fonte de vitaminas.

Nas palavras de Guimarães Rosa, *“pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é a coragem minha. Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água — carece de espelho.”* E foi perguntando - para mim, para a comunidade e para o buriti - que esta pesquisa nasceu, sem se apartar das águas e das gentes do Cerrado Kalunga. Conservar as veredas, cuidar dos buritis, soltar suas (nossas) memórias ao vento é uma tarefa importante e urgente. Responsabilidade de todos nós que tomei especialmente para mim (Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)

### **1.1. Outros sopros...**

Iniciei meus estudos em uma escola do campo, mas sabendo ler, fazer pequenas operações matemáticas e atividades práticas que aprendi interagindo com os sujeitos que estavam à minha volta, como: coleta de plantas e frutos do Cerrado, onde essas matérias primas eram transformadas em produtos, isso aos sete anos de idade.

Com esse desenvolvimento, nunca reprovei de ano. Após concluir o ensino fundamental das séries iniciais, e por não ofertar o ensino fundamental II na comunidade, tive que migrar da escola do campo para a escola urbana que fica localizada na cidade de Teresina de Goiás. Ao chegar ao Colégio Estadual Joaquim de Souza Fagundes (CEJSF), a coordenação encaminhou-me para o quinto ano do ensino fundamental, afirmando que o meu nível estava além da série, posteriormente, nesta mesma escola finalizei o ensino médio. Depois de finalizar o ensino médio, fui em direção a Brasília, onde iniciei alguns cursos preparatórios para ingressar em uma universidade. Com pouco dinheiro e sem apoio econômico familiar, tive que trabalhar aos finais de semanas para pagar as mensalidades dos cursos. No ano de 2010 consegui passar no vestibular da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

Ao ingressar na LEdoC, entre 2011 e 2012, participei do Programa de Educação Tutorial (PET). A experiência no PET me proporcionou inúmeras

reflexões, uma delas parte das minhas pesquisas realizadas na comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, na qual permitiu refletir sobre a valorização da identidade dos povos dessa comunidade.

No período de 2016 a 2017, fui supervisora do programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando nas escolas do Município de Teresina, logo em seguida publiquei um artigo sobre as plantas do cerrado com potencial medicinal: Registro do conhecimento na comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, no livro Letramentos Múltiplos e interdisciplinaridade na Licenciatura em Educação do Campo, onde as organizadoras foram Rosineide Magalhães de Sousa, Mônica Castagna Molina e Ana Cristina de Araújo. Com o curso de Licenciatura em Educação do Campo finalizado, como Professora de Ciências da Natureza e Matemática, no ano de 2016, concluí o curso de pós-graduação Lato Sensu em Alfabetização, na área de Educação, no Centro Universitário Barão de Mauá, dando continuidade à minha trajetória. Em 2018, na Faculdade de Educação São Luís, concluí minha segunda pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva.

Vale ressaltar que a formação na Licenciatura em Educação do Campo contribuiu de forma significativa na aquisição de conhecimento e de produção teórica. Atualmente estou inserida no Colégio Estadual Joaquim de Souza Fagundes (CEJSF), município de Teresina Goiás, lecionando os conteúdos de Matemática, Ciências e Educação Física, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Desenvolvo o trabalho com alunos das comunidades quilombolas e urbana, percebo que a prática da produção de produtos com a matéria prima do Cerrado tem um arsenal cultural rico em diversidade, conhecimentos tradicionais e ancestrais produzidos ao longo da vida dos sujeitos, que poderiam servir como excelentes materiais metodológicos para estarem inseridos no contexto escolar. Neste sentido proponho desenvolver um trabalho a partir das interlocuções sociais, a fim de captar esses movimentos dialógicos que permitirão compreender o processo da produção dos produtos não industrializados do cerrado.

Quanto ao método de planejamento, os professores são orientados a planejar quinzenalmente, seguindo fielmente a proposta curricular desenvolvida pelo Estado de Goiás. Contendo assim, disciplina, eixo temático, conteúdo, expectativa, metodologia, avaliação e referência. No desenvolvimento do plano de aula, procuro elencar sempre os conteúdos a realidade dos educandos e posteriormente em sala também, buscando sempre exemplos da realidade e do cotidiano.

Os livros ofertados no CEJSF, com relação às disciplinas de Matemática e Ciências pelo PNLD-2017 a 2019 e o Aprender + (2017), não dialogam com a realidade vivenciada pelos estudantes quilombolas que frequentam a escola. Há de ressaltar que os livros propõem uma resolução dos exercícios de Matemática que muitas das vezes a realidade campesina e especificamente quilombola não é contemplada.

Por compreender que o CEJSF, está em um território quilombola, cercada de artefatos milenares e da vivência dos estudantes quilombolas, entendo que as literaturas deveriam dialogar, porém não estão adequadas às especificidades do campo, com isso cabe ao professor aproximar da realidade dos educandos um ensino que faça sentido para os alunos.

Destaco a seguir dois trabalhos acadêmicos que buscaram articular esse diálogo entre saberes. Elaborados por pesquisadores Kalunga egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, tais estudos foram usados como referências em minha pesquisa por serem fontes importantes para a construção do conhecimento na comunidade. Mencioná-los é um tributo necessário e uma forma de fazer avançar as pesquisas colaborativas, realizadas por quilombolas acerca de seu território, seu modo de vida e de conhecimento.

O trabalho da autora Maria Lúcia José de Souza (SOUZA, 2014) sobre as práticas culturais nas comunidades Diadema e Ribeirão dos Bois, em Teresina de Goiás, aborda a riqueza cultural e as tradições locais, assim como a forma como essas comunidades mantêm suas identidades em um mundo em constante mudança.

A autora ressalta as práticas culturais como as celebrações e festas, o artesanato, as tradições e saberes locais, e a relação com o meio ambiente. Essas práticas culturais não apenas ajudam a manter viva a identidade das comunidades, mas também fortalecem os laços sociais e promovem um senso de pertencimento entre os seus membros. O reconhecimento e a valorização dessas tradições são essenciais para garantir a continuidade das culturas locais diante das mudanças sociais, culturais e econômicas.

As práticas culturais nas comunidades Diadema e Ribeirão dos Bois refletem a riqueza e a diversidade da identidade local. Essas comunidades mantêm vivas suas tradições por meio de celebrações e festas que promovem a união entre os moradores e fortalecem os laços sociais. Festividades religiosas e folclóricas são momentos importantes, em que a cultura local é celebrada com danças, músicas e comidas típicas que utilizam ingredientes regionais, transmitindo saberes de geração em geração. O artesanato é uma expressão significativa da cultura nessas comunidades. As peças produzidas retratam a história e os costumes locais, além de serem feitas com técnicas tradicionais e materiais disponíveis na região. Além disso, o conhecimento sobre práticas de cultivo, pesca e coleta de recursos naturais é essencial para a subsistência das famílias, refletindo uma relação respeitosa com o meio ambiente.

As narrativas e contos populares também desempenham um papel importante na transmissão de valores e ensinamentos, contribuindo para a formação da identidade cultural. Assim, as práticas culturais nas comunidades Diadema e Ribeirão dos Bois não apenas preservam suas tradições, mas também promovem um sentido de pertencimento e resistência diante das mudanças sociais e econômicas que afetam suas vidas. A valorização dessas práticas é fundamental para garantir a continuidade da cultura local e o fortalecimento da comunidade como um todo.

A história e a memória da comunidade Kalunga, especificamente do Engenho II, foram abordadas por João Francisco Maia (MAIA, 2014). O trabalho traz à tona a rica herança cultural e histórica desse grupo. Os Kalungas são descendentes de escravizados que se refugiaram em áreas montanhosas do Brasil, preservando suas tradições e modos de vida ao longo dos séculos.

O Engenho II, como parte dessa comunidade, é um espaço que carrega significados profundos. A história dessa localidade é marcada pela luta pela preservação da identidade cultural e pela resistência frente às adversidades.

A memória da comunidade é repleta de relatos sobre a convivência comunitária, o compartilhamento de saberes e a importância da oralidade na transmissão de histórias e tradições. Os mais velhos desempenham um papel crucial na preservação da memória coletiva, passando adiante os ensinamentos sobre a vida no campo, as plantas medicinais e as técnicas de cultivo que foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo.

Além disso, a luta por reconhecimento e direitos territoriais é uma parte fundamental da história dos Kalungas. A busca pela demarcação de suas terras é uma forma de afirmar sua identidade e garantir a continuidade de suas práticas culturais.

Nesse sentido, o trabalho de João Francisco Maia (2014) contribui para o fortalecimento da identidade Kalunga ao documentar essas histórias e memórias, destacando a importância de reconhecer e valorizar as contribuições dessas comunidades para a diversidade cultural brasileira. A história do Engenho II não é apenas uma narrativa do passado, mas um testemunho vivo da resistência e resiliência de um povo que continua a lutar por sua dignidade e por seus direitos.

A produção acadêmica desses pesquisadores Kalunga não apenas enriquece a literatura, mas também fortalece a autonomia intelectual e cultural dos moradores. Referenciar esses trabalhos é uma maneira de garantir que o conhecimento produzido internamente seja reconhecido e valorizado, servindo de base para futuras pesquisas e para o desenvolvimento das comunidades Kalunga.

Busco com o programa de mestrado desenvolver uma pesquisa que valorize o conhecimento tradicional dos SABERES E FAZERES TRADICIONAIS DO CERRADO na comunidade Ribeirão dos Bois. Este texto é fruto desta busca.

**Figura 5 - Confeção de tapetes com a tala do Buriti.**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

## **1.2. Um pouco sobre a história do Povo Kalunga e da Comunidade Ribeirão dos Bois**

Os Kalungas, localizados no estado de Goiás, ocupam um dos maiores territórios quilombolas do Brasil. São um símbolo da resistência da cultura afro-brasileira. Sua história remonta ao período colonial, quando negros escravizados fugiram de fazendas e mineradoras para formar comunidades autossustentáveis em áreas de difícil acesso. Eles desenvolveram uma sociedade baseada em valores comunitários, agricultura de subsistência e práticas culturais afro-diaspóricas adaptadas ao contexto local.

Os Kalungas se estabeleceram em regiões montanhosas do Cerrado, protegidas por sua geografia acidentada, como a Chapada dos Veadeiros. Viveram séculos de isolamento geográfico e social, ocupando o bioma de forma quase autossuficiente. Esse isolamento foi fundamental para a preservação de suas tradições e para a manutenção de sua identidade cultural, mesmo diante das violências e pressões externas. Foi, também essencial para a proteção da biodiversidade local.

O território Kalunga abrange os municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás e abriga mais de 4.500 pessoas. São núcleos principais de população: Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão de Bois, que ficam nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. Esses núcleos são formados por pequenos povoados como Engenho, Diadema, Riachão, Ema, entre outros<sup>1</sup>.

Em 1991, o Território Quilombola Kalunga foi reconhecido pelo Estado de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural e, em 1992, pela Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura (FCP/Minc). Ali, há mais de 300 anos, vivem quilombolas que formaram suas comunidades após fugirem do trabalho escravo na mineração. Hoje, no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCK), vivem cerca de 1.500 famílias, ou 7.500 quilombolas, em 39 comunidades (Mapa de conflitos: injustiça ambiental e saúde no Brasil, 2024).

Em 2021, o território Kalunga recebeu da Organização das Nações Unidas (ONU) o título de primeiro Território e Área Conservada por Comunidades Indígenas e Locais (Ticca) do Brasil. Esta titulação é concedida a regiões que mantêm a conservação da natureza e asseguram o bem-estar de seu povo. A expectativa para os Kalungas é de que o reconhecimento os auxilie na visibilização de suas demandas de proteção do território.

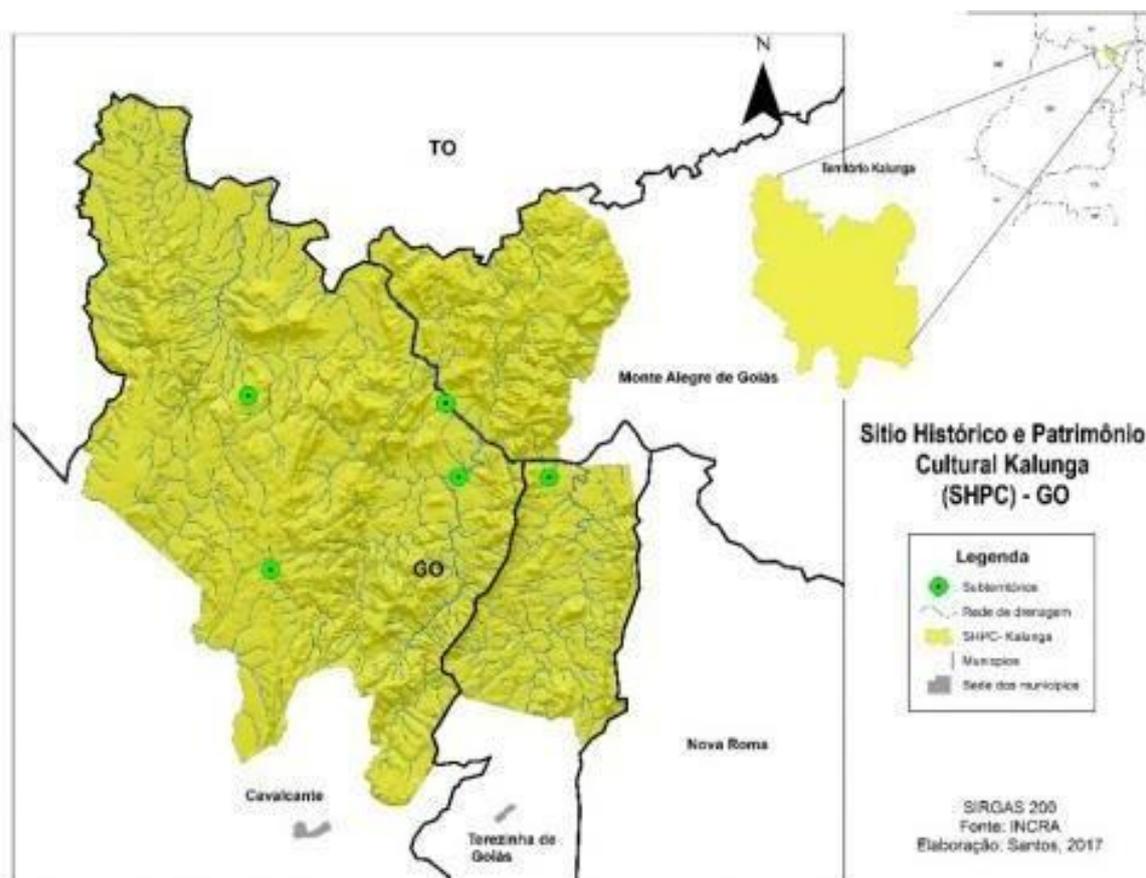
Na língua banto, de origem africana, Kalunga significa lugar sagrado, de proteção. No sentido dado pelos moradores do Sítio Histórico, significa "lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família", ou "lugar onde nunca seca, arável, sendo bom para as horas de dificuldade"<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/comunidade-do-sitio-historico-kalunga>

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/comunidade-do-sitio-historico-kalunga>

**Mapa 1 - Localização do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga**



Fonte: Faria & Almeida, 2020.

Entre as comunidades Kalungas, destaca-se Ribeirão dos Bois, localizada no município de Teresina. Essa comunidade mantém tradições culturais e religiosas que remontam aos seus antepassados como festas, danças e celebrações religiosas. A Festa do Divino Espírito Santo é uma das mais importantes. O modo de vida da comunidade gira em torno da agricultura familiar, do artesanato e do turismo.

Ribeirão dos Bois, assim como outras comunidades Kalungas, enfrenta desafios relacionados à infraestrutura básica, como acesso à educação, saúde e transporte. Apesar de algumas melhorias recentes, como a construção de escolas e postos de saúde, muitos moradores ainda dependem de estradas precárias e caminham longas distâncias para acessar serviços essenciais. Esses desafios reforçam a importância de políticas públicas voltadas para os quilombolas.

A comunidade também desempenha um papel importante na preservação ambiental, cuidando das nascentes e matas do Cerrado que abastecem rios da região.

Aqui, vale a pena mencionar um dado importante. Enquanto o Brasil tem apenas 48% do bioma Cerrado ainda nativo e o estado de Goiás apenas 30%, o território do Quilombo Kalunga, que fica no nordeste goiano, na região da Chapada dos Veadeiros, mantém 83% da área com vegetação nativa. Os dados foram sistematizado pelo Map Biomas, uma rede formada por organizações não governamentais (ONGs), universidades e empresas de tecnologia. O modo de vida do povo Kalunga e o reconhecimento da propriedade coletiva de parte da terra pelo Estado podem explicar a elevada proteção ao bioma na região.

O extrativismo sustentável do Buriti na região é um exemplo do manejo correto da agrobiodiversidade local, que se refere à variedade de plantas, animais, microrganismos e ecossistemas agrícolas que sustentam a produção de alimentos. Esses sistemas produtivos tradicionais, desenvolvidos ao longo de gerações, desempenham um papel crucial na conservação de espécies e no manejo sustentável dos recursos naturais, como veremos ao longo deste trabalho.

**Mapa 2 - O território Kalunga na Chapa dos Veadeiros**

Fonte: Mapbiomas (2025).

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este trabalho de pesquisa buscou identificar e descrever as memórias, histórias e os saberes-fazeres associados ao Buriti na comunidade Ribeirão dos Bois. A pesquisa qualitativa foi escolhida como abordagem teórica-metodológica para alcançar os objetivos é investigar como os moradores da comunidade quilombola de Ribeirão dos Bois percebem o Buriti e especificam seus usos e conhecimentos associados através da experiência e da memória por meio de entrevistas e conversas informais com os moradores locais

Buscou, também, conhecer a relação entre a biodiversidade presente nos buritizais e a diversidade sociocultural local em termos de alimentação, usos medicinais, produção de óleos e sabões, além de artesanatos.

O estudo foi realizado mediante observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas com quinze moradores da comunidade, entre homens e mulheres com idades variadas de 16 e 57 anos de idade, buscando entender a importância da palmeira nas histórias de vida de diferentes sujeitos. A escolha dos interlocutores buscou assegurar a diversidade de perspectivas, levando em conta pessoas que vivem na comunidade e têm lembranças e experiências próximas com o Buriti.

Os entrevistados e demais interlocutores consentiram com as entrevistas, gravações de áudio e captação de imagens, bem como com a publicação de suas fotos e identificação de seus nomes no decorrer do trabalho tendo em vista contribuir com o registro dos saberes-fazeres tradicionais relacionados ao Buriti na comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois.

Para Gil (1999, p. 120), na entrevista semiestruturada “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Ela consiste em um modelo de entrevista flexível. Possui um roteiro previamente construído, mas que dá espaço para o entrevistador falar e fazer perguntas, ocorrendo um diálogo e uma troca entre o entrevistador e o entrevistado.

No tocante aos instrumentos de coleta dos dados, foi utilizado um roteiro semiestruturado de entrevistas mediante consentimento dos interlocutores do estudo, que incluía as questões a seguir listadas.

### **Roteiro semiestruturado de entrevistas**

1. Dados pessoais do (a) entrevistado(a):
  - a. Qual seu nome completo?
  - b. Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade?
  - c. Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano).
  - d. Qual seu estado civil?
  - e. Quantos filhos têm? Onde nasceram?
  - f. O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução?
  - g. Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida?
2. Como conheceu o Buriti?
3. Qual a importância do Buriti em sua vida?
4. Você conhece os benefícios do fruto?
5. Teve alguma renda com o Buriti?
6. Conhece os nutrientes que têm o Buriti?
7. Como esse conhecimento sobre saberes e fazeres do Buriti foi adquirido?
8. Quais as partes da palmeira são mais utilizadas por você? Para quê? Quais são os usos mais frequentes?
9. Como é manejado o Buriti do Cerrado?
10. Qual parte do Buriti deve ser utilizada?
11. Quais são os usos?
12. Na sua opinião, qual a importância desses saberes e fazeres para comunidade Ribeirão dos Bois?
13. Você acha que atualmente o uso desses produtos do Buriti do Cerrado diminuiu? Por quê?
14. Em caso afirmativo, na sua opinião, o que está causando a perda desses saberes e fazeres do Buriti na comunidade Ribeirão dos Bois?

O roteiro de perguntas foi aplicado por mim de forma livre na comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, houve momentos ao ar livre e nas residências dos entrevistados, com uma abordagem minuciosa e delicada para catalisar os resultados da conversa. As primeiras pessoas a serem acessadas foram aquelas que residem na comunidade durante a maior parte de suas vidas.

Com o auxílio de uma câmera de telefone celular foi possível gravar as entrevistas, feitas a partir das vivências de cada entrevistado, sua história de uso e consumo do Buriti. No decorrer das conversas, muitas lembranças boas e não tão boas foram revividas, explorando os sentimentos que ali estavam.

Os moradores foram também acompanhados em suas atividades cotidianas com o Buriti. Os relatos foram anotados em diário de campo e, algumas vezes, gravados. As entrevistas e conversas foram tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos e de registros.

“O processo de análise de dados consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem” (CRESWELL, 2007, p.194). A interpretação das conversas foi feita pela pesquisadora, que buscou a todo momento articular de maneira respeitosa e empática os relatos de vida com o contexto de sua produção e circulação.

A partir das análises das entrevistas, foi possível observar que o Buriti é visto como alimento sagrado, bebida, artesanato e remédio, além de ser uma importante fonte de renda para a comunidade.

### **3. SABERES-FAZERES ASSOCIADOS AO BURITI NA COMUNIDADE QUILOMBOLA-KALUNGA RIBEIRÃO DOS BOIS: COSMOLOGIA, CONHECIMENTOS, USOS E PRÁTICAS**

A Constituição Federal de 1988 ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. De acordo com o artigo 216, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico, sendo esses patrimônios materiais da comunidade

A Constituição Federal de 1988 também estabeleceu formas de preservação desse patrimônio – como o registro e o inventário – além do tombamento, que é adequado principalmente à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

De acordo com o IPHAN, o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração, constantemente recriado pelas comunidades em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Os bens culturais de natureza imaterial reúnem as práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modo de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Os saberes-fazer são conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por esses sujeitos, grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas em sua localidade. Estão associados à alimentação, à medicina tradicional, à produção de objetos com sentidos

práticos ou rituais. Trata-se da apreensão dos saberes e dos modos de fazer relacionados à cultura, memória e à identidade quilombola Kalunga.

No vasto Cerrado Kalunga, o Buriti ergue-se como ancestralidade. De suas raízes brotam histórias, nutridas pela terra vermelha e pelo curso sereno das veredas. A palmeira é guardiã e fonte, testemunha do tempo, da cultura e do ecossistema. Na paisagem, sua presença celebra a interdependência entre todos os seres, saberes e fazeres ancestrais.

### **3.1. O Buriti na paisagem do Cerrado: caracterização**

O conceito de eco paisagem é fundamental para a preservação do Cerrado, considerado um dos biomas mais biodiversos e ameaçados do planeta, pois compreende a integração dos componentes ecológicos e sociais de uma região. Nesse sentido, este tópico tem como objetivo caracterizar a integração do Buriti ao Cerrado.

O Buriti (*Mauritia flexuosa* L.) é uma palmeira da família *Palmae* (ou *Arecaceae*) e subfamília *Lepidocarycidae*, cujo nome foi dedicado a Maurício de Nassau, Rei dos Países Baixos (1567-1623). Sua distribuição geográfica abrange toda a Amazônia e o norte da América do Sul; estende-se ao nordeste e centro-sul do Brasil (FILHO e LIMA, 2001).

Trata-se de uma palmeira aquática que ocorre nas veredas do Cerrado brasileiro, constituídas de brejos gramíneos. As veredas são campos úmidos, denominados de “covais”, devido às aparentes pequenas covas que ocorrem nos veios d’água com lama, entre a vegetação. No entanto, a água limpa é cada vez mais escassa. Nesse contexto, as áreas de veredas e campos úmidos merecem maior atenção e cuidado.

O Buriti cresce em condições de solo e umidade especiais: possui raízes que suprem a falta de oxigênio nos brejos, mas podem ser sufocadas por assoreamento, quando não há manejo adequado do solo depois do desmatamento do Cerrado, o que causa sua morte. É a segunda palmeira em termos de área coberta, superada apenas pelo Babaçu (*Orbignya martiana*) (LLERAS et al., 1983).

As raízes do buritizeiro são impressionantes. Elas se estendem profundamente no solo, buscando nutrientes e água para sustentar a árvore. Essas raízes fortes e poderosas simbolizam a conexão profunda com a terra, representando a resiliência e a capacidade de enfrentar os desafios da vida.

Quanto aos frutos, uma das características mais marcantes do buritizeiro são seus cachos de frutos dourados, que possuem um valor nutricional significativo e são fonte de alimento para muitas espécies animais. Ao abrir o Buriti, revela-se uma polpa suculenta e fibrosa, de sabor adocicado e levemente ácido. Além disso, a polpa é rica em nutrientes como vitamina A, vitamina C, ferro e cálcio. Possui propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e hidratantes para a pele.

O Buriti tem ampla distribuição em toda a América tropical, desde o Peru, Colômbia, Venezuela, Trinidad até o Brasil. Embora seu habitat preferido seja a várzea, devido a sua ampla dispersão, estudos realizados (CALBO e MORAES, 1997) comprovaram que esta espécie pode ser submetida a períodos de aclimatação, pois possui mecanismos para tolerar uma seca moderada.

Os solos das veredas são esponjas, brejos saturados de água durante a maior parte do ano. Agem como importantes filtros, removendo sedimentos e nutrientes, fornecendo água limpa para os habitats.

O Buritizeiro floresce durante quase o ano inteiro, porém com maior intensidade nos meses de dezembro a abril. A maturação dos frutos verifica-se principalmente nos meses de dezembro a junho (BRASMAZON, 2002), fornecendo recursos para a fauna do cerrado adjacente.

O Buriti desempenha um papel essencial nos sistemas hídricos do bioma, protegendo nascentes e promovendo o equilíbrio hídrico, o que reforça a necessidade de práticas de manejo que integrem a paisagem ao seu contexto ecológico e cultural (Ribeiro et al., 2018; Santos & Oliveira, 2020).

A fragmentação do Cerrado causada pela expansão agropecuária e urbanização compromete os corredores ecológicos, essenciais para a dispersão de sementes. Dessa forma, iniciativas que promovam a restauração e conservação integrada de ecossistemas no Cerrado, considerando os

serviços ecossistêmicos fornecidos por espécies como o Buriti, são indispensáveis para a manutenção da resiliência do bioma frente às mudanças climáticas (Silva et al., 2017).

**Figura 6 - Fruto do Buriti descascado**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 16/11/2024

Ao redor do buritizeiro, é comum encontrar uma diversidade de vida selvagem. Pássaros coloridos voam ao redor, buscando abrigo e alimento nas suas copas. Macacos pulam de galho em galho, aproveitando a generosidade da árvore. Até mesmo pequenos insetos e organismos vivem em harmonia com o buritizeiro, criando um ecossistema diverso e equilibrado.

Além de sua beleza e importância ecológica, o buritizeiro também possui um valor cultural significativo. Em muitas comunidades amazônicas e quilombolas suas folhas são utilizadas para a confecção de artesanatos, tais

como cestas e esteiras. Seus frutos são empregados na culinária local e produção de sucos e licores.

### 3.2. Usos alimentares

Os saberes-fazeres associados ao alimento referem-se aos conhecimentos, práticas e tradições que envolvem a produção, preparação, consumo e simbolismo dos alimentos em diferentes contextos culturais. Esses elementos conectam gerações e comunidades, sendo frequentemente transmitidos oralmente ou por meio da prática cotidiana. Eles envolvem aspectos técnicos, sociais, culturais e simbólicos, destacando a relação entre os seres humanos, a natureza e suas identidades culturais. Esses saberes e fazeres refletem uma relação íntima com o ambiente e a cultura local, destacando o Buriti como um elemento essencial na alimentação e na identidade das comunidades quilombolas-Kalunga.

Claude Fischler é um dos principais teóricos no campo da sociologia da alimentação, destacando-se por suas contribuições sobre os aspectos culturais, sociais e identitários do comer. Em sua obra, Fischler analisa a alimentação não apenas como uma necessidade biológica, mas também como um fenômeno cultural que reflete valores, normas e identidades. Ele desenvolve o conceito de *omnivorous paradox* (paradoxo do onívoro), que descreve o dilema humano entre a busca por diversidade alimentar e a necessidade de segurança e familiaridade. Esse conceito é central para entender as escolhas alimentares em sociedades contemporâneas, marcadas pela abundância de opções e, ao mesmo tempo, pela incerteza sobre o impacto de certos alimentos na saúde e no bem-estar (Fischler, 1995).

Outra contribuição significativa de Fischler é sua abordagem da alimentação como um marcador de identidade. Ele argumenta que aquilo que comemos reflete e molda quem somos, tanto individual quanto coletivamente. Para Fischler, a alimentação desempenha um papel crucial na construção de identidades sociais e culturais, já que os alimentos carregam significados simbólicos que conectam os indivíduos a tradições, territórios e grupos sociais.

Além disso, Fischler discute a ideia de uma "memória alimentar coletiva", na qual os hábitos e preferências alimentares são transmitidos de geração em geração, reforçando laços sociais e culturais. Essa perspectiva é especialmente relevante em um mundo globalizado, onde as culturas alimentares tradicionais enfrentam desafios devido à homogeneização provocada pela industrialização e pela disseminação de padrões alimentares ocidentais.

Para o autor a globalização da alimentação não implica apenas perdas culturais, mas também a emergência de novos hibridismos e reconfigurações identitárias. Essas transformações, segundo Fischler, podem levar a uma "desestruturação alimentar", que afeta não apenas a saúde física, mas também os aspectos sociais e emocionais ligados ao ato de comer. Suas reflexões continuam sendo fundamentais para os estudos interdisciplinares sobre alimentação e sociedade, servindo de base para políticas públicas e práticas que promovam uma relação mais sustentável e consciente com o alimento.

Para os Kalunga, a alimentação transcende a mera subsistência, sendo um reflexo de práticas tradicionais que conectam o passado ao presente. A produção agrícola familiar, baseada no cultivo de mandioca, milho e outros alimentos nativos, é um elemento chave na construção da identidade coletiva. Esses alimentos não apenas asseguram a sobrevivência física, mas também simbolizam a resistência frente às adversidades históricas, como a luta pela posse da terra e a preservação de seus modos de vida tradicionais. Além disso, a sociabilidade em torno da comida, manifestada em festas, rituais religiosos e no cotidiano, reforça laços comunitários e os valores de solidariedade e reciprocidade (Cardoso, 2020; Silva, 2018).

Outro aspecto relevante é o saber tradicional que permeia a preparação e o consumo dos alimentos, transmitido entre gerações de forma oral. As práticas culinárias Kalunga incorporam elementos da biodiversidade do Cerrado, como o pequi e o baru, evidenciando uma relação íntima com o ecossistema local. Estudos apontam que as mudanças impostas pela modernização e pela expansão econômica ao redor das terras Kalunga têm impactado negativamente a soberania alimentar da comunidade.

Os frutos e outras partes do Buriti oferecem ingredientes ricos e versáteis. Seguem alguns saberes e fazeres associados ao Buriti no campo da alimentação na Comunidade Ribeirão dos Bois:

### 3.2.1 Extração e Processamento do Fruto

**Coleta do fruto:** Os frutos maduros, de casca marrom-avermelhada, são colhidos diretamente da palmeira ou após caírem naturalmente no período de safra, garantindo a regeneração da palmeira e a continuidade do recurso.

**Despolpa manual:** A polpa é retirada após a imersão do fruto em água morna para facilitar o desprendimento. Esse processo é muitas vezes feito de forma artesanal.

**Raspagem:** As raspas do Buriti são umas das formas tradicionais que os povos da comunidade Ribeirão dos Bois utilizam para manter a conservação do Buriti, podendo ser armazenado sem necessidades de refrigeração. É através dessas raspas que as mulheres preparam seus produtos no uso medicinal e alimentar. Para retirar a raspa do Buriti é necessário colher o fruto na palmeira no período de fevereiro e março, então ele é colocado em um balde com água, onde repousa dois dias. Após esse tempo, o Buriti já pode ser descascado, raspado e utilizado.

### 3.2.2 Preparação de Alimentos

**Óleo de Buriti:** Extraído da polpa, o óleo de buriti é utilizado como tempero, ingrediente em pratos típicos e na conservação de alimentos.

**Farinha de Buriti:** Produzida a partir da polpa desidratada e triturada, é usada no preparo de bolos, mingaus e outros pratos.

**Doces:** A polpa é base para doces como geleias, compotas e balas.

**Bebidas:** O buriti é utilizado no preparo de sucos, vitaminas e "vinho de buriti", uma bebida fermentada artesanal.

**Mingaus e caldos:** A polpa é frequentemente transformada em mingaus nutritivos, consumidos como parte do café da manhã ou como alimento energético.

**Figura 7 - Buriti aguardando ser raspado para fazer as receitas**



Fonte: Aneli Soares da Silva-18/11/2024

**Figura 8 - O Buriti raspado**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

Na comunidade Ribeirão dos Bois, come-se o Buriti nas diversas refeições do dia. No café da manhã ou da tarde, pode-se consumir a geleia no pão, as vitaminas ou o Buriti raspado.

A geleia de Buriti é uma opção deliciosa para passar no pão ou adicionar a sobremesas. Ela é feita cozinhando a polpa do buriti com açúcar e suco de limão. Além de saborosa, a geleia é rica em antioxidantes. As vitaminas e o Buriti raspado com leite são outras preparações muito apreciadas em Ribeirão dos Bois.

## **VAMOS TOMAR CAFÉ DA MANHÃ?**

### ***Vitamina de Buriti***

#### **Ingredientes:**

- 1 litro de leite.
- 2 copos americanos de Buriti raspado.
- Meio copo americano de açúcar mascavo.

**Modo de Preparo:** Coloque o leite no liquidificador, em seguida vá adicionando o buriti aos poucos até a massa fica homogênea, no segundo momento acrescente o açúcar. Pronto a vitamina está pronta para ser servida

### ***Geleia de Buriti***

#### **Ingredientes:**

- 500 gramas de buriti raspado.
- 2 xícaras de água morna.
- Uma colher de cravo.

**Modo de Preparo:** Coloque tudo em uma panela de alumínio grosso e leve ao fogo para cozinhar. Durante o cozimento vai mexendo para não grudar. Mexa até ir formando uma geleia. Pronto a sobremesa já está pronta para ser servida.

## **VAMOS TOMAR CAFÉ DA TARDE?**

### ***Buriti raspado com leite***

#### **Ingredientes:**

- 500 gramas de buriti raspado.

- 2 copos americano de leite.

- Uma colher de açúcar.

**Modo de Preparo:** Coloque o leite em um copo, em seguida adicionar o açúcar no leite, mexendo até dissolverá toda a açúcar, no segundo momento coloque o buriti raspado no copo, a quantidade que você necessite.

Outros usos culinários locais associados ao Buriti são:

- Suco: Uma maneira refrescante de aproveitar os benefícios do Buriti é fazendo um suco. Basta bater a polpa da fruta com água e adoçar a gosto. O suco é rico em vitamina C, que fortalece o sistema imunológico.
- Sorvete: Que tal se refrescar com um sorvete de Buriti? Basta bater a polpa da fruta com leite condensado e creme de leite e levar ao congelador por algumas horas. O resultado é um sorvete cremoso e cheio de sabor.
- Salada: O Buriti também pode ser utilizado em saladas tropicais. Basta adicionar pedaços da fruta em uma salada verde, junto com outros ingredientes como manga, abacaxi e hortelã.
- Doce: O doce de Buriti é uma sobremesa tradicional. Ele é feito cozinhando a polpa da fruta com açúcar e água até obter uma consistência cremosa. Pode ser consumido puro ou utilizado como cobertura para bolos e tortas.
- Farinha: Além das preparações com a polpa da fruta, também é possível utilizar o Buriti para fazer farinha, que é rica em fibras e pode ser utilizada em receitas de pães, bolos e biscoitos.
- Óleo: Muito utilizado na culinária, conferindo sabor e valor nutricional aos pratos.
- Licor: Basta macerar a polpa da fruta com açúcar e álcool por alguns dias, e depois coar.

**Figura 9 - Polpa do Buriti**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

**Figura 10 - Buriti aguardando ser raspado para fazer o doce da fruta**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

### **3.3. Usos medicinais**

Na medicina popular, o fruto do Buriti é empregado para tratar diversas condições de saúde devido às suas propriedades antioxidantes e anti- inflamatórias. Seu consumo regular pode contribuir para a saúde da pele, dos olhos e fortalecimento do sistema imunológico.

Os Kalunga têm um profundo conhecimento sobre o uso de plantas nativas, e o Buriti ocupa um lugar especial em sua prática tradicional e cotidiana.

A abordagem antropológica da medicina popular entre os Kalunga revela práticas que combinam elementos culturais afro-brasileiros e conhecimentos indígenas. Essas práticas estão profundamente ligadas às relações sociais, espirituais e ecológicas do grupo, sendo mediadas por rezadores, benzedeiros e curandeiros. Estudos como o de Silva e Santos (2020) destacam que a medicina popular desempenha um papel fundamental na manutenção da saúde coletiva, pois incorpora elementos simbólicos que ultrapassam a lógica biomédica, promovendo um cuidado integral. Além disso, os Kalunga utilizam recursos naturais, como plantas medicinais da vegetação do Cerrado, em rituais de cura que envolvem rezas e cantos, reforçando a ligação entre saúde e meio ambiente (Oliveira, 2019).

A medicina popular Kalunga não se limita a tratar doenças, mas também atua na promoção do equilíbrio espiritual e social, reforçando a identidade comunitária e ajudando a preservar e valorizar o patrimônio cultural imaterial desse povo.

A comunidade de Ribeirão dos Bois tem um rico repertório de usos medicinais associados ao Buriti, levantados nas entrevistas e conversas informais com os interlocutores da pesquisa, conforme listado abaixo:

- Cura de feridas e inflamações: O óleo extraído do Buriti é utilizado para tratar feridas, queimaduras e inflamações na pele. Ele é aplicado diretamente na área afetada, pois possui propriedades cicatrizantes e anti-inflamatórias.
- Problemas respiratórios: Os Kalunga utilizam o fruto e sua polpa e óleo em preparações caseiras para aliviar problemas respiratórios, como tosse ou resfriados.
- Fortalecimento do organismo: A polpa do fruto é rica em nutrientes, incluindo vitaminas A e C, e é consumida para melhorar a imunidade e prevenir doenças.
- Tratamento de dores musculares: O óleo é aquecido levemente e usado em massagens para aliviar dores musculares e articulares.

- Hidratação e rejuvenescimento: Para os Kalunga, o óleo e a polpa do Buriti são utilizados em tratamentos estéticos tradicionais, hidratando e revitalizando a pele e os cabelos.

Dona Delfina, uma anciã da comunidade, ressalta os aspectos medicinais relacionados ao óleo da palmeira:

*Eu sou mãe de 10 filhos, a minha filha mais velha tá 58 anos, e eu 89 anos. O Buriti traz muitos benefícios para nós e ele serve para muitas coisas, já curei muitos meninos aqui na roça, o óleo de Buriti é muito bom, principalmente nessa época do ano, época que é muito quente, tempo seco, as crianças ficam gripados chiando, então e só pegar uma colher de chá do óleo do buriti e dá para a criança, o óleo ajudar expectorar, evitando com que seus filhos venham pegar uma pneumonia. Esse óleo ele tem um poder medicinal nem os médicos sabe, ele também é muito bom para as pessoas estão com gordura no sangue, fazendo o uso constante todos os dias. Vocês podem tomar depois ir ao médico e repetir exame vocês vão ver resultado da melhora. Só esses jovens daqui da comunidade só tá querendo saber de remédio de loja, remédio de loja. Eu criei meus filhos fazendo ousos desses remédios caseiros, e até hoje todos eles tá aí vivos, fortes com saúde.*

**Figura 11 - Entrevista com a Dona Delfina Farias, na comunidade Ribeirão dos Bois**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 07/10/2024

**Figura 12 - Óleo de Buriti para uso medicinal**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

### **3.4. Usos artesanais**

A produção de artesanatos a partir do Buriti é uma prática tradicional que une sustentabilidade e saberes ancestrais. As fibras extraídas das folhas ou frutos da planta, após um cuidadoso processo de coleta e secagem, são transformadas em uma ampla variedade de peças, como cestos, bolsas e tapetes.

Essa prática, amplamente difundida entre comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, valoriza os recursos naturais e respeita o ciclo de vida da planta, já que a extração da fibra é feita de forma sustentável, sem comprometer a sobrevivência da palmeira. Segundo Silva e Almeida (2020), o artesanato de Buriti representa um exemplo de integração entre a economia familiar e a preservação ambiental.

Os artesanatos tradicionais no Brasil, registrados e protegidos pelo IPHAN representam uma parte importante da identidade cultural do país. O IPHAN reconhece e protege diversas manifestações de saberes e práticas artesanais que têm sido transmitidas por gerações. Essas práticas são fundamentais para a preservação do patrimônio imaterial brasileiro.

Entre os artesanatos tradicionais reconhecidos, podemos destacar:

1. **Rendas e Bordados** – Técnicas como o bordado de filé, a renda de bilro e as rendas de tear, comuns no Nordeste e em várias outras regiões, são exemplos de saberes que o IPHAN tem protegido.
2. **Cerâmica** – O trabalho com argila, como a cerâmica marajoara no Pará e a cerâmica de Pernambuco, também foi registrado como patrimônio. A produção de figuras, utensílios e peças decorativas é uma prática ancestral.
3. **Cestaria** – A arte de trançar e entrelaçar fibras vegetais para criar objetos como cestos, chapéus e tapetes, comum em várias partes do Brasil, tem sido reconhecida como patrimônio cultural imaterial.
4. **Artigos em Madeira** – A arte de entalhar madeira, especialmente em cidades históricas como Olinda e cidades do interior do Nordeste, é um exemplo de saber artesanal registrado pelo IPHAN.
5. **Fabricação de instrumentos musicais** – A produção artesanal de instrumentos como o berimbau e o pandeiro, usados em práticas culturais como o samba e o candomblé, também são parte do patrimônio imaterial brasileiro.

Esses artesanatos não só expressam as tradições locais, mas também têm um valor econômico e social importante para as comunidades. O trabalho artesanal com o Buriti é ainda uma fonte significativa de renda para mulheres. As sementes e fibras do fruto são aproveitadas na confecção de acessórios, tinturas naturais e objetos decorativos, agregando valor cultural e econômico às comunidades que fazem uso criativo desse recurso natural.

Na comunidade Ribeirão dos Bois é vasta a produção de bolsas, tapetes, bijuterias, objetos decorativos e chapéus com as folhas e frutos do Buriti. Susidete, uma moradora da comunidade Kalunga, disse: *Eu faço artesanato de buriti, faço pano, tapete e um monte de coisas, minha fonte de renda, criar meus filhos, tenho 5 filhos, 3 vivos e Deus levou 2.*

**Figura 13 - Confeccionando tapetes da tala do Buriti**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 06/08/2024

**Figura 14 - Caminho de mesa com tala de Buriti**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

### ***Bolsas: passo a passo do fazer***

#### **Materiais necessários:**

- Frutos de Buriti: Escolha frutos maduros.
- Faca: Para cortar a casca do buriti.
- Agulha e Linha: Para costurar as partes da bolsa.
- Tesoura: Para cortar as fibras.
- Cola: Para reforçar algumas partes, se necessário.
- Fios: Para fazer alças e detalhes.

#### **Preparação do Buriti:**

Corte o fruto do buriti ao meio para acessar a polpa. Retire a polpa e reserve (pode ser utilizada para fazer geleias ou doces). Use a casca externa do fruto, que é mais resistente, para a confecção da bolsa. Deixe as cascas secarem ao sol por alguns dias. Isso ajudará a torná-las mais maleáveis e duráveis para o trabalho artesanal. Corte das Peças: Com a casca seca, corte retângulos ou formatos que você deseja para a bolsa. Um formato comum é um retângulo que será dobrado ao meio.

#### **Montagem da Bolsa:**

Dobre as peças cortadas ao meio e comece a costurá-las nas laterais, deixando a parte superior aberta e moldando como preferir.

### ***Bijutérias: passo a passo do fazer***

#### **Materiais necessários:**

- Fibras do buriti: Retire de folhas secas.
- Sementes de buriti: Para adicionar um detalhe bonito.

- Linha resistente: Para amarrar as peças.
- Tesoura: Para cortar as fibras.
- Agulha (opcional): Se quiser costurar as sementes.

### **Preparação das fibras:**

Retire as fibras das folhas secas do buriti e deixe-as secar ao sol por algumas horas.

Corte as Fibras. Corte tiras de fibras com cerca de 20 a 30 cm de comprimento, dependendo do tamanho que você deseja para a bijuteria.

### **Montagem:**

Pegue três tiras de fibra e comece a trançá-las. Quando atingir o comprimento desejado, amarre bem as extremidades.

Além de sua importância ambiental, o artesanato de Buriti também desempenha um papel crucial na manutenção da identidade cultural das comunidades que o produzem. As técnicas de trançado, muitas vezes transmitidas oralmente de geração em geração, carregam consigo histórias, significados e expressões artísticas únicas, como pode ser apreendido no relato de Dona Coraci:

*Sou Coraci Farias dos Santos, sou uma das mulheres artesã da comunidade, amo fazer o meu trabalho com a minha companheira Dete. Nesses trabalhos eu opto por trabalhar mais com a fibra de buriti por causa da facilidade de encontrar na natureza a matéria prima; sua durabilidade e resistência é melhor. Na época dos meus avós e pais, quando eu era criança eu via muito eles fazendo vários artesanatos, o tapiti, peneira, vassoura, brinquedos como carrinhos e animais. E hoje estou dando continuidade na tradição que eles me ensinaram confeccionando tapetes de buriti para vender nas feiras que acontecem em algumas cidades.*

**Figura 15 - Entrevista com Coaraci Farias- Comunidade Ribeirão do Bois.**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 07/09/2024

Seu João, morador da comunidade, nos fala sobre o significado do Buriti em sua vida, planta generosa que se faz presentes em múltiplos fazeres e usos: *“Já peguei tantos buriti, comi, vesti meus filhos , é lindo demais, já fiz coisas demais do Buriti”*.

**Figura 16 – Seu João com o Buriti**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 20/11/2024

### 3.5. A cosmologia do Mestre Buriti

O nome Buriti deriva do Tupi-Garani “mbu”(alimento) +”iti”(arvore alta), que significa “ árvore alta de alimento e de vida”. O mestre Buriti, guardião dessa palmeira e dos buritizais, é uma figura ligada aos mananciais e pântanos da região. De acordo com o mito que conta sobre o surgimento do Buriti, a palmeira foi um presente dado aos humanos pelo Deus Tupã (NOLÊTO,2023 p.38).

Figura 17 – O Buriti



Fonte: Aneli Soares da Silva- 19/09/2024

Segundo Nolêto (2018), o mito do buriti vem da região onde hoje é a cidade de Buriti dos Lopes, no norte do Piauí. Conta-se que muitas tribos habitavam aquela região, mas dentre todas, a mais respeitada era a do cacique Airuanã, cuja aldeia pertencia à nação Tapuia e se localizava às margens férteis do Riacho Muriti, como na época era chamado.

Na comunidade, viviam os indígenas, com muita alegria e paz. Nas noites de luar, todos da aldeia se reuniram para conversar e compartilhar suas experiências de vida e mitos. Então nessa aldeia a filha mais nova do cacique Airuanã, fez uma indagação ao seu pai, como surgiu as primeiras palmeiras que tanta fartura oferecia. Então o seu pai lhe contou um mito.

“Vou presentear esse povo com uma semente muito especial”. Assim que o cacique lhe abençoou com uma semente de Palmeira, quando ele ofertava a semente, um espírito do mal passou por perto com inveja e lhe perguntou: Onde plantará essa semente? E como chamará? (história contada na comunidade sobre a origem do nome da palmeira)

Tupã, percebendo a inveja e ganância do espírito do mal, ficou calado e não lhe disse nada, e esperou ele ir embora, então ele deu o nome da semente, e entregou a semente como um presente divino aos índios, e disse: Dessa semente nascerá uma importante árvore que terá o nome de Buriti. Será uma Palmeira Sagrada, e seu espírito reinará sobre as matas dessa terra e dela derivou o nome deste lugar. Em gratidão pelas bênçãos, deverão respeitar e preservar sua existência.

Os indígenas plantaram a semente, da qual nasceu o primeiro buritizeiro. A partir da árvore mãe, vários outros buritis surgiram, dando origem a vários buritizais, onde habita o Mestre Buriti.

Há muitos anos, na época da escravidão os nossos ancestrais, fugindo da escravidão, se esconderam em lugares de difícil acesso, um desses lugares era na chapada dos veadeiros e Ribeirão dos Bois.

Os nossos ancestrais viviam nessa região, plantando, pescando e dançando. Quando iriam fazer o uso de algumas plantas do Cerrado, primeiro tinham que pedir licença para a mãe natureza, umas dessas plantas era o Buriti do Cerrado.

### **3.6. A colheita do Buriti na comunidade Ribeirão dos Bois: prática comunitária**

O Estado de Goiás é uma das 27 unidades federativas do Brasil, na qual localiza-se na região centro-oeste. Conta com 246 municípios e com aproximadamente 6,9 milhões de habitantes e faz divisa com Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia, Minas Gerais e Distrito Federal.

Goiás tem o maior quilombo em extensão territorial nacional, com cerca de 4 mil famílias, em um espaço de 253 hectares do cerrado. O Estado tem aproximadamente 33 comunidades quilombolas. Dentre essas comunidades, destaca-se a comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois, que se localiza a 48 km da cidade de Teresina de Goiás. A comunidade encontra-se atualmente com 200 famílias abrigadas, totalizando aproximadamente 1.500 moradores. A principal atividade de subsistência é a agricultura familiar, entre elas a principal fonte econômica na comunidade é a plantação de mandioca e a produção de farinha.

Os saberes e fazeres associados ao Buriti presentes na comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois são adquiridos pela experiência e oralidade, repassados de geração a geração.

Os Kalungas em geral são descendentes de escravos. Ao longo dos anos, eles desenvolveram uma cultura e preservaram suas tradições e costumes. As comunidades são conhecidas por sua forte ligação com a natureza e a terra. Os Kalungas são agricultores habilidosos, cultivando alimentos como mandioca, milho e feijão em seus roçados. Além disso, eles também praticam a pesca e a caça para complementar sua alimentação.

A preservação do meio ambiente é uma preocupação constante da comunidade com os recursos naturais e as práticas sustentáveis. A comunidade quilombola Ribeirão dos Bois possui um vasto conhecimento sobre as plantas medicinais e alimentação, sobressaindo a agricultura.

Além da agricultura e do cuidado com o meio ambiente, os Kalungas também se dedicam à produção artesanal. Eles são habilidosos na confecção

de peças de cerâmica, cestaria e tecelagem, que são vendidas como forma de geração de renda para a comunidade.

A cultura kalunga é marcada por festas e celebrações animadas. O Congado, uma manifestação cultural afro-brasileira, é uma das principais festividades da comunidade. Durante as festas, a população dança, canta e tocam instrumentos tradicionais, mantendo viva a sua herança cultural.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, os Kalungas são um exemplo de resistência e superação. A luta pela preservação de suas terras e direitos, buscando o reconhecimento de sua identidade e contribuição para a história do país.

A Comunidade Quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois é um tesouro cultural do Brasil, um lugar onde a história, a natureza e a tradição se encontram. Visitar essa comunidade é mergulhar em um mundo de riqueza cultural e conhecer pessoas incríveis que preservam suas raízes com orgulho.

**Figuras 18, 19 e 20 - Roda de conversa sobre o Buriti com os estudantes do Colégio Fagundes**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024



Fonte: Aneli Soares da Silva- 18/11/2024

A colheita do Buriti (*Mauritia flexuosa*) no Ribeirão dos Bois geralmente ocorre entre os meses de novembro e março, que é a época de frutificação da planta. A colheita é uma atividade comunitária, promovendo a união e o compartilhamento de conhecimentos sobre o manejo da planta.

A oração da comunidade Ribeirão dos Bois ao colher o Buriti remete a fé, à espera de bons frutos e à uma boa colheita:

“MÃE NATUREZA, MÃE PALMEIRA”

QUE TRAZ ALIMENTO E SUSTENTO PARA AS NOSSAS FAMÍLIAS  
VENHO LHE PEDIR LICENÇA PARA RETIRAR DA SUA PALMEIRA O  
FRUTO BURITI  
(ALIMENTO DA VIDA)

O Buriti começa a produzir frutos durante a estação chuvosa, que varia conforme a região, mas em geral se intensifica entre o final do ano e o início do ano seguinte.

### ***Como Colher***

**Identificação dos Frutos:** Os frutos do buriti são grandes, arredondados e de cor laranja quando maduros. É importante verificar se estão bem maduros antes da colheita.

**Ferramentas Necessárias:** Cesta para coletar os frutos. Facão ou faca para cortar os cachos com cuidado.

### **Método de Colheita:**

- Corte: Utilize o facão para cortar os cachos de frutos da palmeira. É importante fazer isso com cuidado para não danificar a planta.
- Coleta Manual: Após cortar os cachos, retire os frutos manualmente e coloque na cesta.
- Armazenamento: Após a colheita, os frutos devem ser armazenados em local fresco e arejado para evitar a fermentação.

### ***Rituais de colheita***

Nos Kalungas, os rituais relacionados à colheita do Buriti, embora variem, geralmente envolvem elementos de respeito à natureza, espiritualidade e cooperação comunitária.

Antes de iniciar a colheita, pode ser realizado um momento de oração ou agradecimento aos ancestrais e à natureza, pedindo permissão e proteção para a retirada dos frutos. Cânticos e danças tradicionais podem fazer parte desse momento, conectando os participantes às suas raízes culturais e espirituais.

A colheita do buriti é frequentemente uma atividade coletiva, envolvendo várias famílias ou grupos da comunidade. Essa colaboração reforça laços sociais e a divisão justa dos frutos colhidos.

Os Kalungas costumam adotar práticas sustentáveis durante a colheita, respeitando o ciclo natural da planta e evitando a exploração excessiva. Apenas os frutos maduros são colhidos, e cuidados são tomados para não danificar a palmeira.

Após a colheita, os frutos são utilizados para produzir diversos produtos, como o óleo de buriti, doces, sucos e artesanato, como visto anteriormente. Esse processamento é frequentemente realizado em mutirão, acompanhado de cantos ou conversas que resgatam memórias e histórias da comunidade.

Em algumas ocasiões, há festas ou encontros comunitários para celebrar a abundância e o trabalho coletivo. Alimentos preparados com buriti podem ser compartilhados, simbolizando união e gratidão. Esses rituais, mais do que práticas agrícolas, são formas de manter viva a memória e o respeito por suas tradições e pelo meio ambiente.

### Canto ao Mestre Buriti (A

#### Magia das Palmeiras)

Nos campos alagados vejo ele surgir Com  
cajado e seu cesto de frutos na mão Alimenta

o macaco e jaboti

Ele é, ele é, o Mestre Buriti.

Buriti, no Buritizal Imponente

e belo Traz força vital.

Buriti, no Buritizal

É senhor que habita O

reino vegetal

#### **4. O EXTRATIVISMO TRADICIONAL DO BURITI EM RIBEIRÃO DOS BOIS (GO): SUSTENTABILIDADE E RESPEITO À BIODIVERSIDADE DO CERRADO**

O extrativismo é uma atividade econômica e prática humana que envolve a extração de recursos naturais do meio ambiente para consumo e comercialização. O extrativismo sustentável é uma prática que visa a exploração de recursos naturais de forma equilibrada, garantindo a preservação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais. Este modelo busca aliar a utilização de produtos extraídos da natureza com a conservação dos ecossistemas, evitando a degradação dos recursos a longo prazo (Diegues, 2000). Além disso, destaca-se como uma alternativa econômica para populações que dependem diretamente da floresta ou de outros ambientes naturais para sua subsistência.

Uma das características principais do extrativismo sustentável é o manejo adequado dos recursos, que envolve práticas planejadas para não comprometer sua regeneração. Na Amazônia brasileira, por exemplo, as comunidades ribeirinhas têm se destacado na produção de frutos como o açaí e a castanha-do-pará, respeitando os ciclos naturais e promovendo uma colheita que mantém a biodiversidade (Almeida, 2016). Este tipo de abordagem também contribui para a valorização do conhecimento tradicional das populações locais, fortalecendo sua identidade cultural.

Além de promover a conservação ambiental, o extrativismo sustentável também desempenha um papel importante na redução dos danos das mudanças climáticas. A manutenção das florestas e outros ecossistemas evita o desmatamento e, conseqüentemente, a emissão de gases de efeito estufa (IPCC, 2019).

Entretanto, para Hall (2009), os desafios para a implementação do extrativismo sustentável são inúmeros. Dificuldades como a falta de infraestrutura, a ausência de mercados justos e a pressão de atividades ilegais, como o desmatamento e a mineração predatória, colocam em risco sua viabilidade. É fundamental que haja um esforço conjunto entre governos, ONGs

e a iniciativa privada para garantir condições adequadas de trabalho e um mercado que remunere de forma justa os produtos oriundos dessa prática.

O extrativismo sustentável surge como uma solução viável para conciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Para que sua implementação seja efetiva, é necessário um planejamento cuidadoso e o fortalecimento das políticas de conservação e valorização das populações tradicionais. Por meio de iniciativas integradas e o reconhecimento do valor dos serviços ecossistêmicos, o extrativismo sustentável pode desempenhar um papel crucial na construção de um futuro mais equilibrado e sustentável.

#### **4.1. Extrativismo sustentável do Buriti no Cerrado brasileiro**

Considerada uma planta de grande importância ecológica e econômica, o Buriti desempenha papel essencial na manutenção dos serviços ecossistêmicos, além de ser uma fonte de renda para comunidades tradicionais, como já mencionado. O extrativismo sustentável desse recurso tem sido promovido como uma estratégia para equilibrar a conservação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico local (Lima et al., 2020).

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, caracterizado por uma rica biodiversidade e grandes desafios de conservação devido ao avanço das atividades agrícolas e pecuárias. Dentro desse contexto, o buriti tem se destacado como uma espécie-chave, especialmente em áreas alagadas. Suas sementes, polpa, folhas e caule são usados tanto para consumo próprio das comunidades quanto para comercialização em mercados locais e regionais

A extração sustentável do Buriti inclui práticas que respeitam os ciclos naturais da planta, garantindo a sua regeneração. Por exemplo, a coleta de frutos maduros diretamente do solo evita danos às árvores. Além disso, há um esforço para capacitar comunidades em técnicas de manejo e boas práticas de coleta, reduzindo impactos ambientais e ampliando o potencial de geração de renda (Souza et al., 2021).

O óleo extraído da polpa do Buriti é um dos produtos de maior valor comercial. Rico em vitamina A antioxidantes e ácidos graxos essenciais, ele é utilizado na indústria cosmética e alimentícia. Da mesma forma, a fibra das folhas é empregada na confecção de artesanatos e as sementes têm potencial para produção de biocombustíveis. O desenvolvimento de cadeias produtivas sustentáveis do Buriti podem ser um caminho viável para promover a melhoria socioeconômica das comunidades tradicionais e camponesas.

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, por exemplo, incentiva práticas que aliam conservação ambiental e desenvolvimento social por meio da criação de cooperativas e da estruturação de cadeias produtivas (MMA, 2020). A conservação das veredas também é essencial para a manutenção do Buriti e, conseqüentemente, do extrativismo sustentável. Essas áreas desempenham um papel crucial na recarga hídrica e na regulação do clima local (Ferreira et al., 2021). No entanto, a degradação ambiental, causada por desmatamento e ocupações inadequadas, ameaça esses ecossistemas.

Os desafios para o extrativismo sustentável da palmeira incluem a necessidade de maior valorização dos produtos no mercado, a inclusão de práticas de certificação e o fortalecimento das redes de comercialização. Além disso, há um esforço contínuo para sensibilizar consumidores sobre a importância do consumo sustentável (Cruz e Almeida, 2022), o que pode ajudar a fortalecer a demanda por produtos vindos do manejo responsável.

A promoção das práticas de extrativismo sustentável do Buriti no Cerrado brasileiro depende de uma combinação de políticas públicas eficazes, apoio técnico às comunidades e maior conscientização sobre os benefícios de produtos sustentáveis. Apenas com ações coordenadas será possível assegurar que o buriti continue sendo um recurso vital para as gerações presentes e futuras.

O extrativismo sustentável da palmeira desempenha um papel fundamental na subsistência e preservação cultural dos quilombolas Kalunga, uma das maiores comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, localizada no estado de Goiás. Os Kalunga possuem uma relação ancestral com

o buriti, uma palmeira abundante no Cerrado, que oferece recursos essenciais como frutos, fibras, e madeira, todos utilizados de maneira tradicional e sustentável (Brasil de Fato, 2021). A prática extrativista é embasada em conhecimentos transmitidos ao longo de gerações, mantendo um equilíbrio entre o uso dos recursos naturais e a conservação ambiental.

O manejo sustentável do buriti é um desafio constante, especialmente diante da expansão da fronteira agrícola e das mudanças climáticas que afetam o Cerrado. O apoio de políticas públicas e programas governamentais é necessário para fortalecer o extrativismo nos territórios quilombolas. Projetos como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e iniciativas de certificação de produtos da sociobiodiversidade têm potencializado a autonomia econômica dos Kalunga, garantindo que suas práticas tradicionais sejam valorizadas e reconhecidas (MDA, 2019).

Além dos benefícios diretos, o extrativismo do buriti também promove a conservação do bioma Cerrado, um dos mais ameaçados do Brasil. O manejo tradicional praticado pelos Kalunga contribui para a preservação da biodiversidade local, funcionando como uma estratégia eficaz contra a degradação ambiental (Cavalcante & Santos, 2020). Além disso, reflete a resiliência dos Kalungas em manter sua cultura e meios de subsistência diante de desafios econômicos e ambientais. A valorização e o fortalecimento dessas práticas são essenciais não apenas para a sobrevivência da comunidade, mas também para a preservação de um patrimônio cultural e ambiental de relevância nacional

#### **4.2. Manejo tradicional do Buriti na Chapada dos Veadeiros: potencialidades e ameaças**

A Chapada dos Veadeiros é uma região conhecida pela sua rica biodiversidade e pelos recursos naturais presentes em seu território. Lá, o extrativismo está relacionado principalmente à coleta de frutos do Cerrado, como pequi, buriti, baru, entre outros, além da produção de plantas medicinais e ervas aromáticas. Devido à importância ambiental da região, o extrativismo é uma

atividade que demanda atenção especial para garantir a conservação dos recursos naturais e o respeito às comunidades locais. Políticas públicas e iniciativas de manejo sustentável são fundamentais para promover o extrativismo responsável nessa região, considerando a preservação do Cerrado, a geração de renda para as comunidades tradicionais e a valorização dos conhecimentos e práticas locais.

Na cidade de Teresina de Goiás, a prática do extrativismo sempre esteve presente na comunidade para a preservação do território, sustentabilidade, para a economia e para a valorização da cultura. No entanto, com o passar do tempo e o aumento da pressão sobre os recursos naturais, tornou-se evidente a necessidade de adotar práticas mais sustentáveis. Nesse contexto, iniciativas agroecológicas têm ganhado espaço na região, visando preservar a biodiversidade e garantir a renovação dos recursos naturais. Além disso, a comunidade tem buscado agregar valor aos produtos derivados do buriti, como óleos, doces e artesanatos, promovendo o desenvolvimento econômico local e a valorização da cultura tradicional. Os extrativistas locais identificam as palmeiras maduras que estão prontas para a coleta. Os frutos do Buriti são colhidos manualmente, muitas vezes com as pessoas subindo nas palmeiras com o auxílio de escadas ou ferramentas apropriadas. Os frutos são cuidadosamente retirados para evitar danos.

Após a coleta, os frutos são levados para áreas de beneficiamento, onde passam por processos como a lavagem, a separação das sementes e a extração do óleo presente no fruto. Como já apresentado anteriormente, o óleo de Buriti é um dos principais produtos provenientes da palmeira e pode ser utilizado na culinária local para frituras, refogados e na produção de doces. O fruto pode ser consumido *in natura* ou utilizado na fabricação de sucos e licores. As fibras das folhas são utilizadas na tecelagem, na confecção de cestos, bolsas, chapéus e outros produtos artesanais típicos da região. Diversas partes do Buriti são utilizadas na medicina tradicional pelas comunidades locais: o óleo é conhecido por suas propriedades hidratantes e cicatrizantes, sendo utilizado em produtos cosméticos e medicinais.

As áreas onde o buriti é manejado tradicionalmente costumam estar associadas às nascentes e áreas de recarga hídrica, destacando a importância do conhecimento tradicional para a proteção desses ecossistemas. Além disso, o manejo do Buriti reflete uma cosmovisão que integra natureza, espiritualidade e cultura. Para os Kalunga, as práticas tradicionais envolvem rituais e respeito às forças naturais, reafirmando um vínculo espiritual com o meio ambiente. Esse aspecto reforça o papel das comunidades quilombolas como guardiãs do patrimônio natural e cultural brasileiro (Souza, 2017).

A transmissão do conhecimento sobre o manejo do Buriti é realizada majoritariamente por meio da oralidade, fortalecendo laços intergeracionais. Essa dinâmica assegura que as técnicas, os valores e a relação respeitosa com o meio ambiente continuem a ser passados para as gerações futuras. Contudo, há desafios relacionados à valorização e reconhecimento oficial desses saberes, especialmente frente às ameaças externas, como o avanço do agronegócio, da mineração e do turismo predatório (Almeida, 2020).

No campo dos desafios aqui apresentados, vale a pena mencionar os dados divulgados no Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (2024), desenvolvido pela Fiocruz.

De acordo com a publicação, a maioria dos quilombolas pratica a agricultura de subsistência e obtém renda com a venda de excedentes, como a farinha de mandioca e, eventualmente, animais criados em suas áreas. O atual reconhecimento da identidade cultural e dos direitos correlatos é resultado de longo processo histórico, e se deve a muitas lutas e conflitos enfrentados pelo povo Kalunga. A Associação Quilombola Kalunga (AQK) detém, até 2023, a posse de pouco mais da metade do Sítio Histórico, mas apenas 13% dos 262 mil hectares estão titulados definitivamente em nome da entidade. Mais de 44% do território ainda carece de ser regularizado, pois encontra-se dominado por fazendeiros que se dizem proprietários e reivindicam indenização pelas terras.

Os processos de titulação definitiva das áreas do quilombo ficaram paralisados ao longo do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), que diminuiu substancialmente a fiscalização e o financiamento de órgãos como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Com isso, fazendeiros e grileiros se viram mais incentivados a invadir as terras do quilombo Kalunga, ameaçando os moradores locais, destruindo suas roças e benfeitorias e promovendo o desmatamento de áreas nativas do cerrado. Mais recentemente, a invasão do território por criadores de búfalos também tem gerado inúmeros problemas de cunho socioambiental, como destruição da mata nativa, erosão do solo e destruição de plantações.

A AQK tem até 2023, de acordo com o Mapa, a posse de pouco mais da metade do Sítio Histórico, mas apenas 13% dos 262 mil hectares estão titulados definitivamente em nome da entidade. Mais de 44% do território ainda precisa ser regularizado e tem origem em terras privadas que demandam processos de indenização.

Com a carência de regularização de boa parte do território quilombola, o território quilombola sofre com a grilagem e a invasão de fazendeiros, sem ter o aval e a proteção do próprio estado. Não raro, o Ministério Público Federal em Goiás (MPF/GO) ajuizou Ação Civil Pública (ACP), com pedido de liminar, para que o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e a União suspendessem concessões minerárias, licenças e permissões para a atividade mineral no interior do território Kalunga, algumas delas concedidas sem qualquer consulta prévia à comunidade.

O desmatamento ilegal de grandes áreas dentro do Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga configura grave crime ambiental e é uma imensa ameaça aos buritizais e toda a cosmologia e identidade cultural que os rodeiam.

O registro oficial de Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga como o primeiro TICCA do Brasil: Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais, chamados “territórios de vida”, traz boas expectativas, já que ele se constituiria em mais uma medida de proteção contra ameaças externas, servindo como validação da ONU sobre a existência e preservação do território, além de incentivar o turismo de base comunitária e a valorização de produtos regionais.

Desde então, oficinas sobre direitos humanos, objetivos do desenvolvimento sustentável e uso da ferramenta de georreferenciamento intitulada “Plataforma de Territórios Tradicionais”, que visa disponibilizar diversas informações sobre

áreas habitadas por povos e comunidades tradicionais no Brasil, vêm sendo feitas.

A iniciativa é realizada com o Projeto Territórios Vivos, em parceria com o Ministério Público Federal (MPF), o Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) e a Agência Alemã de Cooperação Internacional. A proposta é que, entre 2022 e 2024, ocorra um conjunto de oficinas de formação nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, para representantes das comunidades usarem a plataforma e multiplicarem os conhecimentos, contribuindo com dados sobre suas comunidades para subsidiar o MPF e outros órgãos públicos a propor garantias de direitos a elas.

Segundo os relatos de pessoas das comunidades quilombolas kalungas, as ameaças ficaram mais complicadas desde a eleição do então presidente da República Jair Bolsonaro. Houve, também, a denúncia sobre a invasão de búfalos em seus territórios, em área nativa de Crrado preservado, dentro do sítio histórico, que vêm causando degradação ambiental, como erosão do solo, destruição de árvores nativas e plantações, redução do número de animais silvestres, bem como contribuem para a proliferação de espécies vegetais invasoras.

A valorização do extrativismo consciente aliado à abordagem agroecológica e sustentável pode apoiar a preservação do meio ambiente, para o fortalecimento das comunidades locais e para a promoção de um desenvolvimento mais equilibrado na Chapada dos Veadeiros e outras regiões que compartilham desafios semelhantes.

A ação do Ministério Público, do Poder Judiciário e outros órgãos de controle e monitoramento são essenciais, assim como políticas públicas voltadas à valorização e proteção dos territórios quilombolas para a continuidade do manejo tradicional do buriti. A demarcação de terras, o apoio a práticas sustentáveis e a inclusão das comunidades em processos de tomada de decisão é direito das comunidades e dever do Estado. Além disso, é importante estimular parcerias entre pesquisadores e comunidades para documentar e fortalecer os saberes tradicionais, como forma de promover justiça social e ambiental (Silva e Lima, 2018).

## **4.2. Conhecimentos que voam, práticas que tocam: saberes-fazeres relacionados à palmeira em Ribeirão dos Bois (GO)**

No extrativismo em Ribeirão dos Bois, é comum encontrar uma participação diversificada de pessoas na atividade. Geralmente, homens, mulheres e até crianças estão envolvidas no processo de coleta de produtos da natureza, como os frutos, sementes e a planta do buriti.

As mulheres muitas vezes desempenham um papel fundamental no extrativismo, contribuindo significativamente para a coleta e o processamento dos recursos naturais. Elas estão envolvidas na seleção, limpeza e preparo dos produtos coletados, além de desempenharem funções importantes na comercialização desses itens. Os homens por sua vez trabalham ativamente do extrativismo, auxiliando na coleta de recursos naturais, na manutenção das áreas de coleta e no transporte dos produtos até os locais de processamento ou comercialização.

Quanto às crianças, estão envolvidas nas atividades de coleta, aprendendo desde cedo sobre a importância dos recursos naturais e contribuindo para as práticas tradicionais da comunidade. Em relação ao número exato de pessoas envolvidas no extrativismo no Ribeirão dos Bois, essa informação pode variar ao longo do tempo devido a fatores sazonais, mudanças nas práticas locais e dinâmicas sociais. No entanto, é comum encontrar famílias inteiras ou grupos comunitários dedicados a essa atividade como forma de subsistência e preservação dos conhecimentos tradicionais ligados à natureza.

Quando o extrativismo do Buriti é feito de maneira sustentável, significa que são adotadas práticas que garantem a conservação da espécie, a regeneração natural das plantas colhidas e a preservação do ecossistema em que estão inseridas. Isso envolve técnicas de manejo adequadas, respeito aos ciclos de reprodução da planta, diversificação das fontes de renda da comunidade e cuidado com o ambiente.

Os impactos positivos do extrativismo sustentável do Buriti para a comunidade de Ribeirão dos Bois incluem a geração de renda através da venda do fruto e artesanato, gerando o fortalecimento da economia local, a valorização

da cultura tradicional associada à planta e a promoção da conservação ambiental.

Por outro lado, se o extrativismo do Buriti não for realizado de forma sustentável, os impactos negativos podem ser significativos. Isso pode incluir a diminuição da disponibilidade da planta na região, a degradação do habitat natural, conflitos entre os extrativistas pela escassez dos recursos e impactos negativos na biodiversidade local. Contudo, a comunidade faz sua parte em preservar as áreas e manter a espécie.

**Figura 21 - Produtoras rurais locais de óleo medicinal de Buriti  
I ENCONTRO REGIONAL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO CENTRO-OESTE**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 25/05/2019

**Figura 22 - Tapetes feitos com Buriti**  
**I ENCONTRO REGIONAL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO CENTRO-OESTE**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 25/05/2019

Por mais de dois séculos, o povo quilombola Kalunga da comunidade Ribeirão dos Bois foi construindo a sua identidade. É através da identidade que se criam e recriam os ritos, danças, contos e a sobrevivência de um determinado grupo sociocultural.

A identidade é a relação existente entre o passado e o presente, ou seja, é um conjunto de representações sociais coletivas que envolve o compartilhamento em uma comunidade com seus costumes e tradições.

As comunidades tradicionais vivem de forma sustentável. As suas práticas de utilização de território transitam de forma inseparável entre o simbólico e o funcional. Entendemos que a natureza está presente em todo o processo cultural destes povos que por meio dos seus conhecimentos constitui relações sociais, identidade, valores, cultura, agricultura familiar e entre outras.

Segundo Diegues (2001), os povos de comunidades tradicionais pouco figuram na Constituição Federal brasileira. Entre as populações não indígenas estão quilombolas, extrativistas, pescadores, camponeses e agricultores familiares (SARAIVA, 2011).

A forma de tais comunidades remete ao modo de viver diferenciado, onde as pessoas se identificam entre si e compartilham seus costumes; o cuidado com a saúde; crenças, memória coletiva vinculada ao território onde vivem, como podemos observar em Ribeirão dos Bois. Susidete relata: *“Aprendi a mexer no buriti com meu avô desde pequena”*.

Segundo Saraiva (2011), as comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros reconhecem que as condições de ser tradicional é uma estratégia política de afirmação de suas identidades, e serve também como mecanismo que pode ajudar a solucionar questões principalmente relacionadas à terra.

Esse aspecto é facilmente identificado entre os quilombolas do território quilombola Kalunga, pois os quilombolas que residem na chapada dos veadeiros, ainda não têm sua situação de posse da terra regularizada; ser negro e poder acessar direitos antes inexistentes também foram fortalecendo a condição de ser quilombola. Essas comunidades tradicionais a partir de seus conhecimentos trouxeram observações atentas da natureza e experimentação dos seus recursos naturais.

Na tentativa de inserir-se na ótica das produções acadêmicas e com a proposta de aprofundar as reflexões sobre modos de ser, viver e conhecer na comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois, este trabalho de pesquisa buscará revelar como os moradores da comunidade percebem, sentem, pensam/repensam e agem sobre a Palmeira Buriti.

Segundo Marconi e Lakatos (2005) a pesquisa qualitativa, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Busquei apreender, no decorrer do Mestrado, como os moradores narram suas memórias, conhecimentos e usos do Buriti em relação aos sujeitos, objetos, cantos e contos; trazer vozes e vertentes de uma trajetória histórica e cultural de convivência diária entre uma comunidade e suas palmeiras.

Decorrente disso, o estudo almejou caracterizar o lugar como experiência vivida, porém definido e categorizado pelo grupo: a identidade conferida em cada lugar habitado e legitimado com a finalidade de mostrar que a autonomia do

grupo são as próprias construções dessa legitimidade e identidade presente no lugar.

Segundo Delfina, moradora da comunidade, *“Conheci o buriti no brejo do Vão de Alma, em toda vida foi importante, põe para ferve e bebi, faz o chá de óleo para a criança e o adulto bebe e fica bom”*.

A comunidade assume formas específicas de manejo dos bens naturais que são desenvolvidos de forma coletiva. Seus costumes visam garantir a reprodução social do grupo através da experiência construída. Tal experiência consoante à percepção que se tem de natureza é compreendida pelo sistema de uso e ocupação do lugar enquanto bem compartilhado. Uma visão que está também associada à palmeira, que certamente produz desenvolvimento material, mas também abriga sujeitos e símbolos.

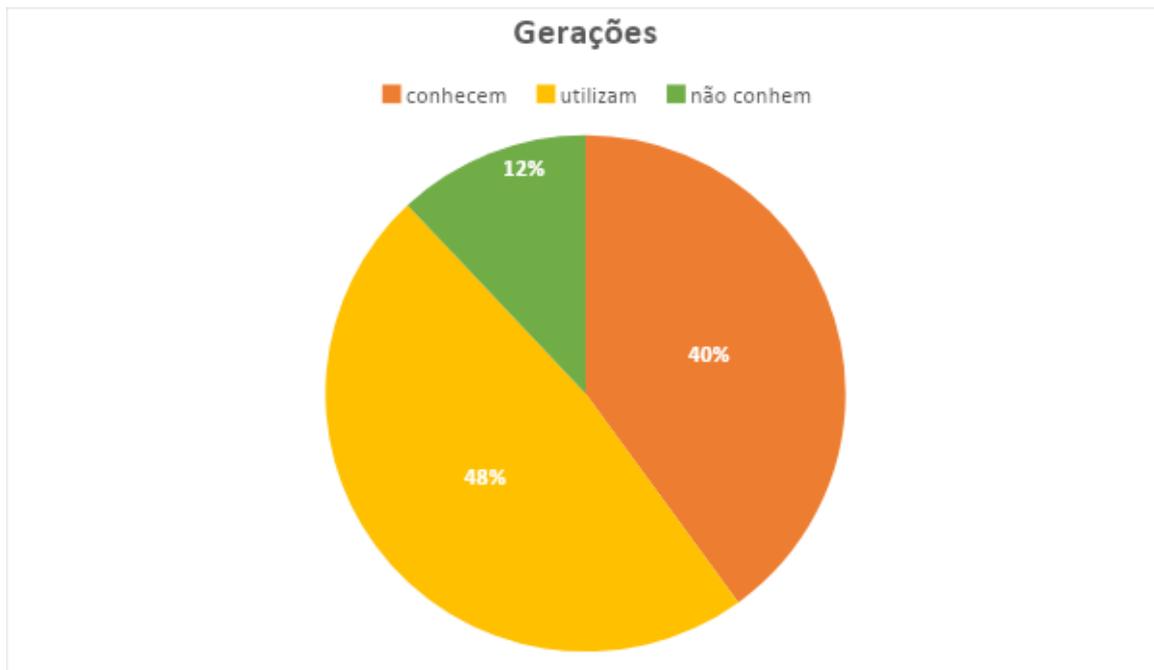
O conceito de lugar faz-se relevante para o entendimento das formas distintas de configuração do espaço, uma vez que ele é determinado pelos grupos que o habitam. Se o lugar é definido através da experiência, entender algumas características dos saberes-fazeres associados ao Buriti pode ajudar a compreender os pontos de vista da comunidade.

A definição e a defesa do lugar por esses indivíduos surgem como resistência a partir de contextos históricos de marginalização e pela solidariedade expressa nas organizações e práticas cotidianas.

Portanto, a inter-relação entre os conceitos de cultura, identidade, história/memória e lugar tem centralidade nesta proposta de estudo em diálogo direto com o conceito de saber-fazer e bens culturais de caráter imaterial.

Delfina, 2023, diz: *“conheci o buriti com meu padrinho”*, remetendo às memórias e a cultura que passa de geração em geração. Por meio da pesquisa com 15 moradores da comunidade, com idade 16 a 57 anos, homens e mulheres, foi possível averiguar que 48% dos indivíduos conhecem o buriti, 40% utilizam de alguma maneira e 12% não conhecem o fruto.

**Gráfico 1 – Conhecimento sobre o Buriti pelos entrevistados em  
Ribeirão dos Bois (GO)**

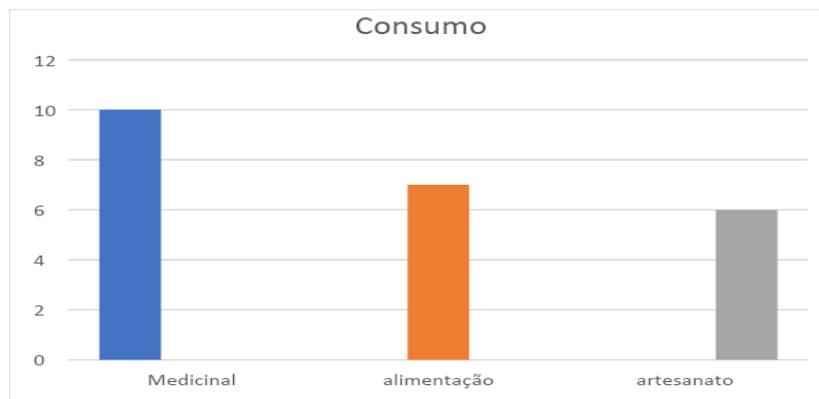


Elaboração: Aneli Soares da Silva

A partir dessas referências, emergiu a seguinte pergunta: *como caracterizar e registrar um conjunto de expressões de saberes diferenciados que tratam do extrativismo no Buriti, da cultura material a ele associada e das formas de uso decorrentes na comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois?*

Os saberes-fazer evidenciam a interdependência nas formas de fazer e conhecer que envolvem dimensões ecológicas, biológicas, socioculturais e temporais que atravessam os ecossistemas e os domínios da vida material, social e econômica, bem como suas funções simbólicas e produtivas. No gráfico a seguir pode-se visualizar mostra a forma de consumo das 15 pessoas entrevistadas.

**Gráfico 2 – Formas de consumo do Buriti pelos entrevistados em Ribeirão dos Bois (GO)**



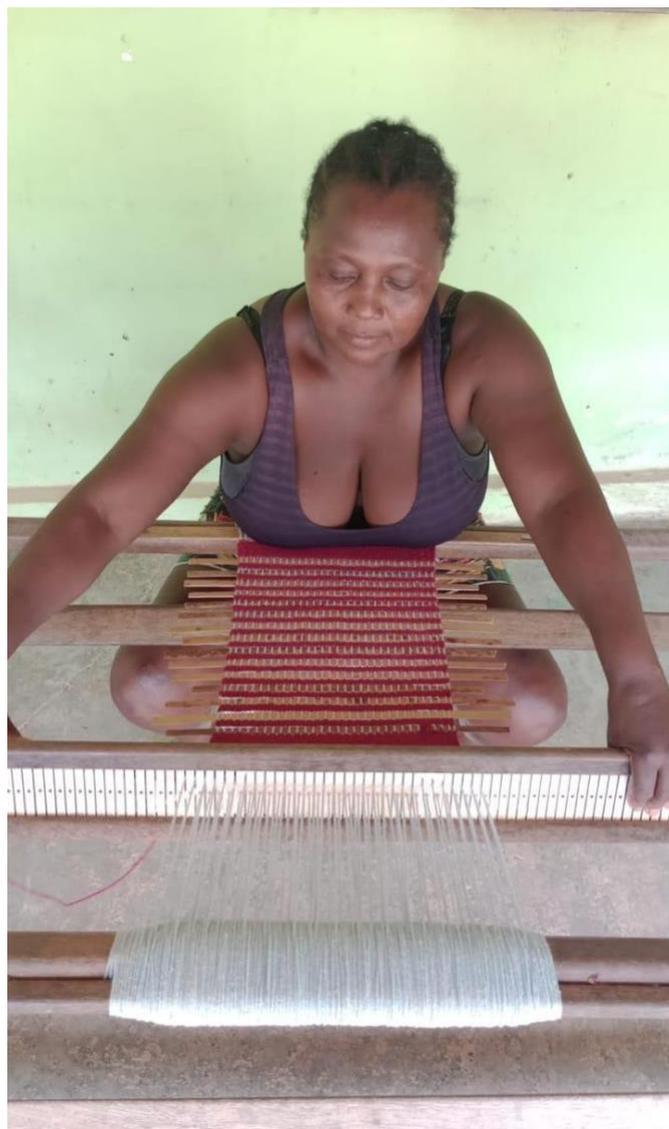
Elaboração: Aneli Soares da Silva

Para este estudo, percorremos as produções do IPHAN sobre as práticas e estratégias para a salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial, haja vista trabalhar na perspectiva de reconhecimento e valorização das diversificadas e dinâmicas referências culturais de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Além disso, buscamos realizar uma revisão da literatura antropológica sobre o tema, com especial ênfase nas etnografias realizadas em território Kalunga.

O Buriti, para o povo Kalunga, além de suas aplicações na alimentação, medicina e artesanato, é um importante símbolo e princípio educativo. O ciclo de vida do buriti, desde o crescimento das palmeiras até a maturação dos frutos, pode ser um exemplo prático para ensinar sobre o ciclo da vida e a importância da preservação ambiental.

Seu uso tradicional por comunidades quilombolas pode servir como ponto de partida para discutir questões culturais, sustentabilidade e diversidade de aplicações do fruto do Buriti, o que pode inspirar atividades educativas que abordem temas como nutrição, saúde natural e criatividade. Incorporar o estudo do Buriti em nas escolas Kalungas pode promover uma compreensão mais ampla e holística da interconexão da vida, incentivando o respeito pela natureza e pela diversidade cultural.

**Figura 23 - Tecelagem feita com Buriti**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 21/07/2024

## Conclusão

A partir da pesquisa utilizada como base na construção do projeto, “saberes e fazeres tradicionais associados ao buriti no cerrado na comunidade quilombola Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina – Goiás ”, foi possível compreender a importância e dos saberes e da tradicionalidade do buriti dentro da comunidade.

Esta pesquisa analisa os saberes e fazeres tradicionais associados à palmeira Buriti no Cerrado da comunidade quilombola Kalunga Ribeirão dos Bois, localizada em Teresina (GO), a partir da perspectiva dos seus moradores.

O estudo teve como objetivo principal compreender como os moradores da comunidade percebiam o Buriti e especificam seus usos e conhecimentos associados através da experiência e da memória, valendo-se de entrevistas e conversas informais com interlocutores locais.

No decorrer das páginas, apresentou-se o contexto do Buriti no Cerrado e especialmente na comunidade de Ribeirão dos Bois, relacionando-o com identidades e práticas específicas Kalunga.

Buscou-se refletir sobre como o Buriti é usado por pessoas e famílias da comunidade, que empregam conhecimentos, um forte sentido de coletividade e pertença ao bioma Cerrado como princípios coletivos de manuseio e uso da palmeira.

No decorrer dos capítulos foram apresentadas narrativas de diferentes moradores da comunidade sobre os conhecimentos e usos do Buriti, bem como a cosmologia construída na comunidade.

Como resultado, podemos afirmar que o Buriti é parte constitutiva da cultura tradicional Kalunga e forte elemento de identidade. Possui um conjunto de conhecimentos e práticas a ele associado nos campos da alimentação, práticas de cuidado, cura e artesanato, os quais são enraizados no cotidiano e na história dos moradores de Ribeirão dos Bois, constituindo-se numa referência cultural.

O futuro do extrativismo do Buriti na comunidade Ribeirão dos Bois dependerá das práticas adotadas atualmente e das medidas de conservação e manejo implementadas. Para garantir que o extrativismo do Buriti seja uma atividade sustentável a longo prazo e das gerações, é essencial considerar alguns pontos importantes, tais como o Manejo Sustentável, a Diversificação Econômica, a Valorização Cultural e a Capacitação e Educação Ambiental.

As práticas de manejo sustentável que garantam a regeneração natural da planta, respeitem os ciclos de reprodução e promovam a conservação do ecossistema onde o Buriti está inserido.

O uso dos recursos naturais do Buriti, é importante que a comunidade busque formas de diversificar suas atividades econômicas, diminuindo a dependência exclusiva desse recurso.

Valorizar a cultura e tradições locais associadas ao Buriti pode contribuir para manter viva essa relação ancestral com a planta, incentivando a preservação e o uso responsável dos recursos.

Por fim, promover a capacitação dos moradores da comunidade a fim de gerar técnicas de manejo sustentável, assim como realizar programas de educação ambiental na comunidade, pode ajudar a conscientizar sobre a importância da conservação dos recursos naturais.

Com essas medidas e um compromisso contínuo com a sustentabilidade, é possível vislumbrar um futuro positivo para o extrativismo do Buriti em Ribeirão dos Bois, em que essa atividade possa continuar gerando benefícios econômicos, sociais e culturais sem comprometer os recursos naturais para as futuras gerações.

**Figuras 24, 25 e 26 – O trabalho comunitário envolvendo o Buriti**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 17/05/2024



Fonte: Aneli Soares da Silva- 17/05/2024



Fonte: Aneli Soares da Silva- 17/05/2024

O Buriti é guardião de saberes ancestrais nas comunidades quilombolas. Suas folhas, trançadas com delicadeza e destreza, dão forma a esteiras e cestos, enquanto seu fruto, dourado como o sol, é transformado em óleo, doces e sustento. Cada fibra retirada, cada semente germinada, carrega o gesto cuidadoso de quem sabe que a natureza é parceira e mestra.

O buriti é mais que recurso; é símbolo de resistência e memória, tecido nas histórias que atravessam gerações, nutrindo corpos e espíritos com sua generosidade. Nas margens dos brejos, e nos corações das comunidades, o Buriti enraíza um modo de vida que entrelaça o fazer artesanal e o cuidado com a terra. Ali, o conhecimento passa de mãos calejadas para mãos curiosas. O buriti é também ponte: une passado e futuro, garantindo que a identidade quilombola floresça. Nele, trabalho e celebração se misturam.

**Figura 27 – Buriti na comunidade Ribeirão dos Bois**



Fonte: Aneli Soares da Silva- 19/08/2024

**"O Cão sem Plumas"**, de João Cabral de Melo Neto.

As árvores carregadas de areia, árvores  
cujas raízes  
sugam o fundo das águas mortas, bebem  
essa água pesada  
como o cão sem plumas bebe o rio.

A paisagem ao redor não tem primavera nem  
verão, outono ou inverno.  
Só possui esse crescimento imóvel, essa  
vegetação feita de lama e ferrugem onde o  
único fruto é o caranguejo.

E no centro o rio,  
onde o único pássaro é o caranguejo, e o  
único peixe é o caranguejo,  
e o único verde é o do buriti."

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, I. F.; CALDEIRA, A. B. **Síntese do Atlas Digital de Bens Móveis e Imóveis de Minas Gerais inscritos nos Livros de Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN)**. Belo Horizonte, 2007
- ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Organização espacial e ocupação territorial no Kalunga: a moradia como efetivada**. Brasília – DF: UnB, 2012.’
- ALMEIDA, R. S. **Cultura e sustentabilidade: O manejo do buriti pelos quilombolas Kalunga**. São Paulo: Editora Ambiental, 2020.
- ALMEIDA, M. W. B. **Manejo sustentável e as comunidades da Amazônia**. Manaus: EDUA, 2016.
- ARAÚJO, M. F. L.; SANTOS, A. S. dos; PANTOJA L. de A. **Caracterização química e física de frutos de buriti (Mauritia flexuosa L.)**. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/65ra/resumos/resumos/9469.htm> Acesso: 5 de fevereiro de 2024.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa de Avaliação da situação de segurança alimentar e nutricional em comunidades quilombolas titulados**. Brasília, 2013.
- BRASIL DE FATO. **A importância do buriti para comunidades tradicionais**. Disponível em: [www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br), 2021.
- CALDART, Roseli Salette, et. al (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012..
- CAVALCANTE, P.B. Miriti. In: Cavalcante, P.B. **Frutas comestíveis da Amazônia**. Belém: CNPQIMPEG, 1996.
- Cavalcante, M. P., & Santos, A. L. **Sustentabilidade e biodiversidade no Cerrado: Estudos de caso em comunidades tradicionais**. São Paulo: Editora Ambiental, 2020.

CARDOSO, J. **Alimentação e resistência: práticas tradicionais nos quilombos brasileiros.** São Paulo: Edusp, 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ P. H., & ALMEIDA, V. R. **Certificação de produtos do Cerrado e o mercado sustentável.** Revista Economia Verde, 10(1), 19-32, 2022.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza.** São Paulo: HUCITEC, 2000.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA.. **Uso sustentável do buriti no Cerrado: Potencialidades e desafios.** Disponível em: [www.embrapa.br](http://www.embrapa.br), 2022.

FERREIRA, J. A., et al. **Conservação de veredas e o papel do buriti no Cerrado.** Ciência e Sustentabilidade, 7(2), 75-89, 2021.

FARIA, K. M. S.; ALMEIDA, M. G. de. **O discurso e a prática do Ecoturismo na visão desenvolvimentista em comunidades quilombolas em Goiás- Brasil.** Confins, Edição 48, 2020.

FISCHLER, C. **El (h)omnívoro: El gusto, la cocina y el cuerpo.** Barcelona, ES: Anagrama, 1995.

FREITAS, André. **Ecologia da Paisagem e planejamento urbano: Estudo de caso da área de expansão urbana de Itanhaém, SP.** 2014. 107 f. Dissertação. (Mestrado em Ecossistemas Costeiros e Marinhos). Universidade Santa Cecília, SP, 2014. Disponível em: <https://sites.unisantabr.br/ppgecomar/dissertacoes/Dissertacao Andre Freitas.pdf> f Acesso em: 14 ago. 2024 .

GOIÁS. Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás. **Regiões de planejamento do Estado de Goiás, 2011.** Goiânia, 2011. Disponível em: »

<http://www.seplan.gov.br/sepin/down/regplan2011.pdf>; Acesso em: 12.agost. 2024.

HALL, A. **Desenvolvimento sustentável: o papel da Amazônia**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA.. **Relatório de sustentabilidade e comunidades tradicionais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2020.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS - IPCC. **Relatório especial sobre mudanças climáticas e terra**. Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Saberes, Fazeres, Gingas e Celebrações: Ações para Salvaguarda de Bens Registrados como Patrimônio Cultural do Brasil (2002-2018)**. Brasília: IPHAN, 2018.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI. Maria de Andrade. **Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP) Camará Brasileira do livro**. 4 ed. São Paulo:Altas, 2005.

LIMA, R. P., et al. **Ecosistemas do Cerrado e suas potencialidades**. Editora Cerrado Verde, 2020.

LLERAS, E.; GIACOMETTI, D. C. & CORADIN, L.. **Areas criticas de distribución de palmas en las Americas para colecta, evaluación y conservación**. In: Informe de la reunión de consulta sobre palmeras poco utilizadas de America Tropical. FAO, Turrialba, 1983.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. de; MEDEIROS-COSTA, J. T. de; CERQUEIRA, S. C. de; BEHR N. von. **Palmeiras no Brasil – nativas e exóticas**. Nova Odessa: **Plantaraum**, 1996. p. 11. Pott, A.; Pott, V.J. Plantas do Pantanal. Brasília: Embrapa, 1994.

MAIA, João Francisco. **História e memória da comunidade Kalunga Engenho II**. Universidade de Brasília, 2014.

MAPBIOMAS. **O Projeto. MapBiomias** Brasil. <https://brasil.mapbiomas.org/o-projeto/>, 2025.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.** 2020.

METZGER, Jean Paul. **O que é ecologia de paisagens?. Biota Neotropica.** São Paulo, v. 1, n. 1., p. 01-09, Nov. 2001. Disponível em: <https://www.biotaneotropica.org.br/v1n12/pt/fullpaper?bn00701122001+pt> . Acesso em: 09 jun. 2024

METZGER, Jean Paul. **A fragmentação de habitats como principal ameaça à biodiversidade.** Disponível em: <https://www.fapesp.br/eventos/2013/02/BIO/Metzger.pdf> . Acesso em: 11 jun. 2024.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO – MDA.. **Políticas públicas para a agricultura familiar e comunidades quilombolas.** Brasília: MDA. 2019;

NOLÊTO, João Rafael Almeida. **A magia das Palmeiras: Divindades da Mata de Cocais,** Teresina-Piauí. Universidade Estadual do Piauí (UESPI),2018.

ODUM, Eugene P. **Ecologia.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara, 1988.

ODUM, Eugene P.; BARRET, Gary W. **Fundamentos de Ecologia.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

OLIVEIRA, M. C. **Medicina popular no Cerrado: A etnobotânica dos Kalunga.** Cadernos de Antropologia Social, 17(2), 78-95, 2019.

Oliveira, T. R., & Santos, J. L. (2019). **Artesanato e cultura: O papel do buriti na identidade quilombola.** Cadernos de Cultura e Sustentabilidade, 10(3), 45- 60.

OLIVEIRA, R. P., & SANTOS, T. F.. **Produtos não madeireiros no Cerrado: potencialidades e desafios.** Editora Floresta Viva, Salvador, 2018.

PINHEIRO, G. R., & CARVALHO, L. M. **Manejo comunitário e conservação do Cerrado.** Ecologia e Sociedade, 16(1), 78-95. 2021.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. **Fortalecimento da rede das comunidades quilombolas.** Disponível em: <http://www.pnud.org.br/> Acesso em: 20. jan. 2024.

- RIBEIRO J. F., et al. **Conservação da biodiversidade no Cerrado**. Revista Brasileira de Biologia, 2018.
- SANTOS, S. S. dos. **Investigação da presença e da formação de biofilmes por estafilococos em micro-usina de beneficiamento de leite**. 76f. Dissertação (mestrado – Pós-Graduação em Medicina Veterinária Preventiva) - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, UNESP. Jaboticabal, 2009
- SANTOS, A. L., & OLIVEIRA, R. S. **Importância da ecopaisagem para a preservação de biomas brasileiros**. Ecologia e Conservação, 2020.
- SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **Saberes e fazeres tradicionais do cerrado: sabão de Tingui (*Margonia Pubescens*)**/ Regina Coelly Fernandes Saraiva....,[et al. ].- Brasília: DF: Decanato de Extensão/ UnB, 2012.
- SARAIVA, Regina Coelly F.; RODRIGUES, Lúvia Penna Firme; NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Saberes e fazeres tradicionais sobre o cerrado: a experiência de Dona Flor**. Brasília: Universidade de Brasília, Decanato de Extensão: 2011.
- SILVA, Aneli Soares da. **Uso das plantas medicinais do Cerrado na Comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina – GO**. 2013. 46 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.
- SILVA, J., & ALMEIDA, R. **Artesanato e sustentabilidade: o papel do buriti nas comunidades ribeirinhas, 2020**.
- SILVA, D. M., et al. **Conectividade ecológica no Cerrado: desafios e estratégias**. Biota Neotropica, 2017.
- SILVA, M. **Relações de comida e comunidade no Cerrado: um estudo sobre os Kalunga**. Brasília: Editora UnB, 2018.
- SILVA P. R., & Santos, L. M. **Resistência cultural e práticas de cura entre comunidades quilombolas do Brasil**. Estudos Interdisciplinares sobre Cultura, 15(4), 23-38, 2020.
- SILVA, Guerrero AFH, Guerrero CH, Toledo LM. **A rede de causalidade da insegurança alimentar e nutricional em comunidade quilombola com a**

**construção da rodovia BR, PARÁ**, Brasil. Revista de Nutrição, Campinas, v. 21, p. 83-97, 2008.Suplemento.Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52732008000700008&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732008000700008&nrm=iso). Acesso em:12.Agost..2024.

SILVA, A. L., et al. **Uso sustentável do buriti: práticas e desafios. Revista Brasileira de Agroecologia**, 14(3), 45-60, 2019.

SILVA, M. T., et al. **Manejo do buriti e desenvolvimento comunitário**. Editora Socioambiental. 2023.

SILVA, M. F., & Lima, A. P. **Práticas tradicionais no Cerrado: O uso sustentável do buriti pelos Kalunga**. Revista Brasileira de Etnobotânica, 14(2), 123-134, 2018.

SOUZA, M. F., et al. (2021). **Capacitação e manejo sustentável do buriti no Cerrado**. Boletim Técnico Ambiental, 28(1), 123-135.

SOUZA, P. F.. Saberes e práticas quilombolas: Uma perspectiva ecológica. Goiânia: Editora Cerrado, 2017.

SOUZA, Maria Lúcia José de. **Práticas culturais nas comunidades Diadema e Ribeirão dos Bois**. Teresina, Goiás, 2014.

VACA, Pedro Irastorza. **Integración de la Ecología del Paisaje em la planificación territorial. Aplicación a la comunidad de Madrid**. 2006. 289 f. Tesis Doctoral. Universidad Politecnica de Madrid, España, 2006. Disponível em: [https://oa.upm.es/468/1/PEDRO\\_IRASTORZA\\_VACA.pdf](https://oa.upm.es/468/1/PEDRO_IRASTORZA_VACA.pdf) . Acesso em: 14 ago. 2024.

VIEIRA, J. C., ET AL. **Parcerias estratégicas no extrativismo: Um estudo de caso com os Kalunga**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 54(1), 90-105, 2021.

WORLD WIDE FUND FOR NATURE - WWF-Brasil.. **Conservação do Cerrado: Iniciativas de manejo sustentável** em comunidades tradicionais. Disponível em: [www.wwf.org.br](http://www.wwf.org.br), 2021.